

CINTHIA FREIRE

MINHA

UM CONTO DA
SÉRIE SEGREDOS





Table of Contents

[Ficha Técnica](#)

[Nota da autora](#)

[A Lenda do Rouxinol](#)

[Minha: Um conto da Série Segredos](#)

[Prólogo](#)

[Brasil - Julho de 1991](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)

[Biografía](#)

[Obras](#)



CINTHIA FREIRE

MINHA

UM CONTO DA
SÉRIE ~ SEGREDO S

Copyright © 2016 Cinthia Freire

Capa: Thais Alves

Copidesque e Revisão: Carla Santos

Diagramação digital: Carla Santos

Todos os direitos reservados.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Índice

[Ficha Técnica](#)

[Nota da autora](#)

[A Lenda do Rouxinol](#)

[Minha: Um conto da Série Segredos](#)

[Prólogo](#)

[Brasil - Julho de 1991](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)

[Biografía](#)

[Obras](#)

Nota da autora



Caro leitor,

Se este é seu primeiro contato com a série *Segredos*, eu desejo que seja bem-vindo.

Embora seja um conto retirado do livro *Meu Erro*, o primeiro livro da série, *Minha* não contém spoilers, portanto pode ser lido individualmente, antes ou depois, porém deixarei aqui a *lenda do rouxinol*¹, pois ela é citada pela primeira vez em *Meu Erro*, assim você poderá compreender todas as vezes em que ela é citada no conto.

Muito obrigada por ter permitido a Christopher e Laura lhes apresentar sua história de amor e espero poder tê-los comigo nas próximas histórias da série.

Uma boa leitura e até breve.

A Lenda do Rouxinol

Diz
árabe que,
todas as
brancas...
de
sob uma
minguante,
rouxinol
sobre uma



uma lenda
em tempos,
rosas eram
Uma noite
primavera,
lua
um
pousou
esbelta

rosa de uma brancura imaculada e ficou imediatamente apaixonado. Até esse dia, nunca se ouviu um rouxinol cantar, porque viviam toda a sua vida em silêncio, mas o amor deste por aquela rosa tão especial, era de tal maneira forte, que uma canção de uma beleza espantosa se formou na sua garganta, e ele abriu as asas em torno da flor, num abraço apaixonado. Apertou-a com tal paixão, que os espinhos dela o feriram profundamente.

Mesmo assim, o rouxinol não afrouxou o seu abraço, continuando o seu canto de amor, cheio de maravilhosos trinados, até que, já exangue, o pobre apaixonado tombou sem vida. O sangue que lhe corria das feridas caiu sobre as pétalas brancas da rosa, manchando-as.

E desde então, há rosas que nascem vermelhas... e na primavera, pela noite adentro, ouvem-se os trinados dos rouxinóis cantando as suas canções de amor!

Era
sido
uma



para ter
apenas
viagem.

Era
sido
diversão.

para ter
apenas

Era
sido
momento.

para ter
apenas um

Mas então ela falou.

E ao ouvir o som da sua voz eu descobri que estive adormecido a minha vida inteira.

Em meio à garoa constante me deixando levar, sem na verdade sentir.

Ela falou e, pela primeira vez na vida, o sol brilhou.

E naquele instante eu descobri que o acaso não existe.

Era para ter sido.

Eu nasci para ser dela e ela para ser minha.

Prólogo

CHRISTOPHER

Hoje está frio exatamente como ela odiava. O sol parece ter se recolhido, entristecendo o dia como uma forma de homenageá-la.

Ela amava o sol, as rosas e a poesia.

Se uma pessoa pudesse defini-la através de três coisas, com certeza, seriam essas: o sol era sua energia; as rosas, seu coração; e a poesia, sua alma. Eu sou a chuva, a terra e o frio — era assim que ela me definia. E eu nunca compreendi muito bem, mas ela era uma poetisa e via as pessoas como analogias; cada uma tinha uma representação que a caracterizava de maneira especial. Eu tinha três; ela também.

Apalpo o bolso interno do blazer para garantir que ele esteja comigo, mesmo sabendo que está. Sempre está ao meu lado na cama vazia, na mala quando viajo e nos dias como os de hoje. Nossa música toca no rádio, mas eu nunca a ouço, exceto no nosso aniversário.

Paro o carro no lado mais distante e desço, cumprimento um funcionário que já me conhece e sigo carregando um pedaço dela comigo. Baixo o olhar para o chão, não preciso olhar as placas para encontrá-la. Eu sempre a encontrei, sempre fui guiado a ela, como um rouxinol é guiado para a sua rosa, outra analogia que ela sempre usava para nós. Eu sempre odiei essa lenda, mas sou obrigado a concordar; eu sempre vou encontrá-la, não importa a forma como ela está, porque ela sempre será a minha rosa.

Passo entre as dezenas de placas e me pego pensando se todas essas pessoas deixaram alguém assim como ela me deixou, se todas tiveram a magnitude que Laura teve em minha vida e se elas ainda são amadas como Laura é. Meu coração se agita no peito, da mesma forma que se agitou assustando-me na primeira vez que a vi. Limpo a garganta e me pergunto se algum dia

serei imune a ela, se algum dia meu coração irá se acalmar e se conseguirei seguir adiante. Tenho certeza de que não.

Dou um passo...

Dois...

Aproximo-me e coloco a mão esquerda no bolso tocando meu companheiro como se assim conseguisse forças para seguir até ela.

Três...

Quatro...

Ajeito o buquê me xingando por não ter tido mais cuidado no caminho. Uma das rosas está se desmanchando, uma pétala cai no chão e me abaixo para pegá-la.

Cinco...

Seis...

Meus pés começam a ter dificuldades em seguir adiante, como se meu corpo de repente se tornasse um fardo pesado demais para eles carregarem.

Sete...

Oito...

Avisto seu nome, Laura Vieira Smith, e uma lembrança me vem à mente: a maneira como nunca conseguia pronunciar meu sobrenome de maneira correta o que me deixava ainda mais louco por ela.

Nove...

Dez...

Vejo a sua poesia preferida esculpida no mármore branco, a sua letra copiada à perfeição. Eu me abaixo e o toco, fecho meus olhos e recito-o, não preciso ler, eu o decorei desde a primeira vez em que ela o declamou para mim.

Há vinte e cinco anos.



BRASIL

JULHO DE 1991

Capítulo 1

LAURA

O
amanhece
com o sol
como se
em festa.

dia
mais cedo,
brilhando
estivesse

Inalo o aroma úmido do verão fora de época aproveitando a passagem do sol, ouço os pássaros cantarem e sorrio. Por que precisamos ser privados de algo para podermos dar valor ao que realmente importa?

Há um ano essa paisagem não era tão bela aos meus olhos. Esse sol não era tão quente e acolhedor e eu jamais estaria em pé às seis da manhã em pleno mês de férias por vontade própria.

É, só mesmo quando a ampulheta da vida é girada que notamos o quanto ela é rápida.

Um ano atrás eu era apenas mais uma entre tantas adolescentes terminando o colégio e decidindo qual curso entrar na faculdade. Mais uma menina do interior que sonha conquistar o mundo e fazer a diferença. Mais uma sonhadora, com pressa de viver, com fome de aventura, com sede de emoção. Uma romântica incorrigível que colecionava poesias e escrevia escondido.

E qual o problema em ser mais uma? Só se descobre a magia de ser apenas mais uma quando se passa a ser “ela”.

A garota que desmaiou no pátio, aquela que ficou internada por quase um mês. A que todos têm pena, a que teve seu mundo arrancado de suas mãos, toda a cor apagada e no seu lugar deixado apenas um punhado de dias cinzas, frios e iguais.

Essa sou eu. A garota com os dias contados que tem medo de dormir, que ama rosas e que encontra na poesia o seu porto seguro, a trégua para a sua batalha, o alívio para o seu coração ferido.

Capítulo 2

CHRISTOPHER

Nunca estive em um país da América Latina antes e confesso que estou surpreso com o que vejo. Tudo bem que eu sempre achei essa coisa de selva e macacos um pouco exagerado, mas não achei que seria tão... normal.

Quando meu pai sugeriu que eu passasse minhas férias na casa de seu irmão, que mora em uma cidade no interior do Brasil, a única coisa que eu respondi foi um sonoro: “Nem fodendo!”. Claro que em outras palavras, algo mais educado, um simples “não, obrigado” com direito a letras garrafas. Mas ele fez o que sempre faz: ignorou minha decisão e me colocou em um avião com destino ao fim do mundo.

E foi assim que deixei de passar os próximos dois meses viajando pela Europa com uma mochila, algum dinheiro e meus amigos para passar em um lugar que nem ao menos conheço a língua e que a única coisa que posso dizer é “Pelé”, “Tom Jobim” e “caipirinha”, sendo essa última algo que ainda não conheço.

— Christopher, suas coisas já estão no meu quarto — diz Jeremy, meu primo, animado. Eu também não o conhecia até duas horas atrás, nem sequer havia visto uma foto sua, mas ele fala comigo como se fôssemos amigos de infância e eu gosto dele. — Eu deixo você ficar com a minha cama, não ligo e posso dormir no chão — ele continua falando enquanto tento compreender o seu inglês confuso.

Ele é britânico assim como eu, nascido em Liverpool, mas veio para o Brasil ainda muito pequeno. E tirando o seu nome Jeremy Alexander Smith, o fato de ser fascinado por Beatles e de ser mais branco que os caras daqui, ele não tem nada de inglês.

— Obrigado — agradeço sorrindo e ele continua a falar sobre o que vamos fazer nos próximos dias. Estou surpreso com sua agenda, dado o tamanho da cidade, não imaginei que houvesse muito que se fazer aqui, mas de acordo com Jeremy estou enganado.

Clarice e Paul, seus pais e meus tios por parte de pai, estão empolgados com a minha visita. Clarice é brasileira e conheceu Paul em uma viagem de turismo. Eles se apaixonaram, casaram e Paul decidiu se mudar para o país da esposa, algo que minha família nunca aceitou muito bem, principalmente meus avós que têm uma visão um pouco tradicional demais para aceitar um filho vivendo entre macacos e cipós.

— Você já beijou uma brasileira? — Jeremy pergunta baixo como se o ato de beijar garotas aqui fosse algo ilícito.

— Nunca — respondo.

Jeremy esfrega as mãos uma na outra e dá um sorriso tão amplo que me faz pensar se beijar no Brasil tem outro significado ou se estou sendo ingênuo demais e achando que ele se refere apenas ao ato de unir lábios e línguas. Tenho a impressão de que não demorará muito para que eu descubra.

Capítulo 3

LAURA

A
quente
para um
julho e
com calor,
na cama
cobertores
porque não

mais dormir. Péssima ideia para uma garota como eu: acordar no meio da madrugada significa pensar e geralmente não temos os melhores pensamentos enquanto a escuridão e o silêncio dominam. Principalmente eu.

noite está
demais
início de
acordo
me remexo
jogando os
para o lado
consigo

Antes que eu comece a fazer planos para meu funeral levanto e desço as escadas em busca de um copo de água para me refrescar e tento fazer o mínimo de barulho possível para não acordar meus pais. Hoje em dia qualquer coisa banal é motivo para que eles achem que estou passando mal. Faz algum tempo que não tenho nenhum episódio que me leve para o hospital além do necessário, o que já é muito mais do que eu gostaria.

A noite está linda, sem nuvens e estrelada, uma brisa fresca sopra do lado de fora e decido que melhor do que rolar na cama é apreciar o frescor da noite. Pego meu caderninho de poesia e saio. Está um pouco mais frio do que eu imaginava, mas não me importo, gosto do vento soprando em meus cabelos e saio assim mesmo.

Sento-me no banco que temos no fundo do quintal, ao lado da minha roseira, e abro meu caderno aleatoriamente. Gosto de ler poema, principalmente quando os pensamentos ruins tentam me sufocar. Já não os escrevo mais; desde que tudo aconteceu em minha vida eu perdi o encantamento, a alegria que me fazia escrever. Hoje só leio, na maioria das vezes quando estou com medo. Hoje será uma noite longa e cheia de poesia. Os pensamentos parecem querer gritar. E eu não estou nem um pouco disposta a ouvi-los

Capítulo 4

CHRISTOPHER

Se
e eu sei
nós
inverno, ou
estar, mas
consigo
causa do

estou certo,
que estou,
estamos no
deveríamos
não
dormir por
calor

insuportável que está fazendo essa noite e também por causa do sono um tanto tumultuado demais de Jeremy que mais parece um serrote do que um rapaz.

Levanto em busca de um pouco de ar puro e abro a janela, uma brisa leve faz com que eu me sinta um pouco melhor e decido que dormir na sacada do quarto é melhor do que no quarto em si. Assim me livro do calor e do “serrote” que atende pelo nome de Jeremy.

Pego meu travesseiro e me acomodo no pequeno espaço que mal cabe uma pessoa deitada, talvez porque não tenha sido projetada para isso, mas não me importo, encolho minhas pernas e me ajeito da melhor maneira que posso. Olho para o céu e me sinto estranho, as estrelas parecem ter sido pintadas por todos os lados. Penso em Timothy, meu melhor amigo, e tenho certeza de que ele adoraria isso aqui, é como estar no planetário do colégio. Tento reconhecer alguma constelação, mas sou uma negação para isso e desisto, fecho os olhos apenas curtindo a sensação de frio e então eu a ouço.

Uma voz suave, feminina e triste. A princípio acho que ela está conversando com alguém, mas não consigo ouvir a outra pessoa, me inclino para frente, curioso em busca de onde vem a voz, tento ser o mais silencioso possível, não quero assustá-la, sua voz é bonita embora eu não faça a menor ideia do que ela está falando.

De onde estou não consigo ver seu rosto, ela está sentada de costas para mim, seus cabelos longos e negros se movem com o vento, ela gesticula enquanto fala e me pego pensando se ela é maluca por estar falando sozinha. Ou pior. Talvez seja um fantasma!

Volto a me deitar não por medo, embora não posso acreditar que ela seja realmente um fantasma, mas porque sem vê-la posso me concentrar em sua voz. Fecho os olhos e desejo poder compreender o que ela diz, saber o que significa as palavras que saem de sua boca e porque ela

está falando sozinha. Ela fala durante algum tempo, sua voz me tranquiliza e estou quase adormecendo quando uma porta se abre, ouço a voz de um homem, me levanto e vejo um senhor falando com a garota levando por terra a minha hipótese de ela ser um fantasma, ele parece bravo e embora eu não compreenda o que diz vejo em sua postura que ele não está contente com a menina, que se levanta e corre ao seu encontro e consigo ver apenas um vislumbre do seu perfil. O homem a abraça esfregando seus braços como se ela estivesse com frio, em seguida beija o topo da sua cabeça e eles entram, abraçados, e mesmo depois que a porta se fecha me pego olhando para lá como se esperasse vê-la novamente. Mas ela não volta. E eu perco o sono de vez.

Deito-me em minha cama improvisada e volto a olhar para o céu desejando saber um pouco mais sobre essa menina misteriosa que fala sozinha na calada da noite. Avisto uma constelação no céu, acho que é a Ursa Menor. Ou talvez seja a Maior. Talvez não seja nenhuma delas, apenas o meu desejo de compreender a lógica nisso tudo.

Capítulo 5

LAURA



Moramos na mesma casa desde que nasci, meus pais moram nela desde que se casaram há quase vinte e cinco anos. Meu pai mora aqui desde que tinha dez anos. Ao todo a família Vieira é proprietária dessa casa há mais de cinquenta anos.

Vimos muita coisa mudar, mas algumas permanecem iguais, tais como: o ipê amarelo que fica entre a minha casa e a da dona Marta, uma senhorinha que adora café com bolo, ou o horário em que o carteiro passa, o barulho das crianças voltando da escola e o péssimo gosto musical do meu barulhento vizinho Jeremy.

Tiro o travesseiro e cubro minha cabeça resmungando, dessa vez ele passou dos limites, isso lá são horas para ouvir essas músicas? Estico a mão para meu relógio de mesa e me assusto ao perceber que na verdade já passam das duas da tarde!

Perdi praticamente o dia inteiro dormindo...

Um dia inteiro que não terei mais.

Um dia que para mim vale tanto.

Levanto ainda mais aborrecida comigo, como pude dormir tanto? Talvez seja por conta da noite passada e do calor fora de hora que não me deixou pregar os olhos essa noite. Ou dos medicamentos que me deixam cada vez mais cansada e sonolenta. Ou então seja apenas o prelúdio do fim.

Afasto esse pensamento mórbido da minha cabeça, não quero e não vou pensar na morte, não é só porque descobri que vou morrer que preciso colocar isso como principal assunto da minha vida, a morte é algo inevitável, no fim todos morreremos, e saber que irei mais cedo não faz de mim uma coitada, apenas alguém que tem a chance de aproveitar melhor os dias que lhe

foram dados. E com certeza dormir até às duas da tarde não está na minha lista de coisas a fazer antes de morrer. Não que eu tenha uma, é mórbido demais até mesmo para mim, mas se eu tivesse com certeza perder tempo dormindo não estaria nela.

Desço as escadas me sentindo pesada, dolorida e preguiçosa, meus pais estão à mesa conversando e o assunto acaba no momento em que eles me veem como se eu fosse um fantasma ou algo parecido.

— Bom dia! — digo tentando soar mais alegre do que estou e beijo o rosto de cada um ignorando o fato de que eles nem disfarçam mais a maneira piedosa como me olham. Já é difícil demais ser vista dessa forma na escola, na igreja e no grupo de poesia, mas ver esse mesmo olhar com que os estranhos me encaram na rua nos rostos dos meus pais é muito mais do que eu posso suportar. Mas mesmo assim eu finjo não notar. Decidi, em uma das inúmeras noites em que fiquei acordada pensando na minha vida, que não vou mais me aborrecer com coisas que não posso lidar. Imagino que não deve ser muito fácil para um casal que teve tantas dificuldades em gerar filhos ver a sua única filha morrendo bem na sua frente, então, antes mesmo que a raiva me consuma, eu decido que não vou me importar.

Abro a geladeira e pego a caixa de suco de laranja, coloco duas fatias de pães na torradeira e pego o pote de mel.

— Você está se sentindo bem hoje, filha? — Minha mãe se aproxima pegando a banana e cortando em rodela em um pote.

— Estou ótima, mãe, apenas dormi mais do que deveria. — Tiro o pão da torradeira e passo um pouco de mel na fatia.

— Seu pai me disse que te viu falando sozinha ontem no quintal — ela diz enquanto despeja granola em cima da fruta, sem me olhar como se admitir que ter uma filha supostamente maluca fosse demais para ela. Doente sim, maluca nem pensar.

— Eu não estava falando sozinha — defendo-me. — Eu estava recitando um poema.

— Sozinha? — Ela despeja o mel ainda sem me olhar.

— Sozinha — falo alterando-me. — Qual o problema?

— Às três horas da manhã?

— Mãe! — chamo-a e aguardo até que ela esteja me olhando. — Eu não estou maluca, tudo bem?

— Laura...

— Mãe...

Ela bate o pote de vidro na pia com tanta força que espero vê-lo quebrar. Dou um passo para trás assustada com sua reação, mas ela não diz mais nada, apenas respira fundo enquanto olha para o jardim, como se estivesse em busca de uma solução para o meu suposto problema em algum lugar.

— Mãe, pare com isso! Eu não estou maluca — falo sentindo-me magoada. — Eu apenas estava fazendo algo que me faz feliz.

— Às três horas da manhã, Laura? — ela repete.

— Que diferença faz? Se é às três da manhã ou da tarde? Deveria saber que o tempo para mim é algo muito relativo, já que não terei tanto tempo assim como imaginava.

Largo o café intacto na bancada e subo para o meu quarto, bato a porta com força e volto para a minha cama que ainda mantém o calor da noite passada. Não sou uma filha malcriada, nunca fui, nunca respondi para os meus pais e nunca fiz nada que os deixasse preocupados... pelo menos não até a noite passada.

É, às vezes o dia precisa mesmo ser mais curto para que possamos suportar passar por ele. Mesmo para aqueles que têm seus dias contados.

Capítulo 6

CHRISTOPHER



Ainda estou um pouco atrapalhado com o fuso horário brasileiro, de modo que depois de um dia exaustivo tentando assistir a um jogo de futebol, porque estar no país do futebol e não assistir a uma partida, ao menos na TV, é como ir a Londres e não visitar o Big Ben, eu mal tenho ânimo para me levantar da cama. Foram noventa minutos em que me senti meio surdo, eu ouvi toda a transmissão e tirando o nome de meia dúzia de jogadores e da palavra “goal” eu não compreendi mais nada. Jeremy se divertiu com minha cara e disse que com o tempo eu acostumo. Duvido.

Passei boa parte do dia no quarto porque foi ali que a vi ontem, isso se ela realmente não for um fantasma ou se eu não estiver ficando maluco. Espero vê-la mais uma vez, mas ela não aparece e não quero perguntar nada a Jeremy, ele tem uma tendência a distorcer as coisas e estou apenas curioso.

Às nove horas da noite meu vocabulário tem algumas palavras novas que Jeremy achou importante que eu aprendesse para hoje: gostosa, cerveja, socorro, telefone, inglês, casa. E três frases que, de acordo com ele, serão minha salvação.

“Eu quero beijar você.”

“Você é linda.”

“Estou com fome...” ou acho que é “Eu quero comer”... não tenho mais tanta certeza. Ainda não entendi a ligação entre as duas primeiras e a última, mas ele me garantiu que para uma noite já basta.

— Você vai pegar muita gata essa noite, primo, as garotas vão ficar loucas nessa sua cara de gringo. — Jeremy dá um tapinha em meu ombro enquanto me arrumo no seu banheiro

coletivo. Essa é uma coisa que acho estranho no Brasil, tem muito quintal e pouco banheiro, não entendo o porquê, já que, pelo que pude notar, a necessidade dos brasileiros parece bem parecida com a dos ingleses.

— Como assim pegar gatas? — pergunto sem compreender o significado das palavras que ele usa. Jeremy não tem um inglês muito bom e quando ele se empolga costuma traduzir gírias brasileiras para o inglês de forma nada compreensível.

— Sussurra alguma coisa em inglês no ouvido delas. — Ele gesticula exageradamente e revira os olhos como uma garota faria. — Elas vão ficar de quatro por você.

— Ficar de quatro? — Começo a ficar preocupado com o que essa noite me reserva, Jeremy tem minha idade, mas se comporta como um garoto de 13 anos com hormônios explodindo pelos poros.

— Confia em mim, primo, essa noite vai ser nossa. — Ele esfrega as mãos uma na outra e saímos rumo a minha primeira noite em uma festa brasileira. Só espero que Deus me ajude e que eu não me esqueça de nada que ele me ensinou.

Capítulo 7

LAURA

O
marca
hoje não é
que me
dormir,
tenha
culpa

relógio
meia-noite,
o tempo
impede de
talvez eu
colocado a

covardemente nele, a verdade é que eu não consigo dormir há algum tempo, tenho tido pesadelos, na grande maioria estou viva, presa dentro de uma caixa, eu grito, mas ninguém me ouve, não consigo respirar, não consigo me mexer, até que percebo onde estou e então... eu acordo.

Esse pesadelo é tão ruim que estou começando a ficar com medo de dormir, sendo assim observo os ponteiros do relógio ansiando pela hora em que meus pais durmam e eu possa ir para o quintal, ao lado da minha roseira, lá me sinto bem, me sinto em paz.

Pego meu caderninho de poemas e desço sem me importar em colocar um casaco, gosto da brisa fresca que me causa arrepios. Abro a porta da cozinha e vou até meu banco, sento-me e inalo o perfume das rosas. Toco suas pétalas e uma tristeza profunda me inunda. Vou sentir falta delas, de tudo na vida o que mais vou sentir falta será das minhas rosas, de vê-las nascer, desabrochar, do seu cheiro e do contraste fascinante entre a delicadeza das pétalas e a agressividade do caule, como um guerreiro valente que a protege do mal.

Ouçoo um barulho e me viro temendo encontrar meu pai novamente à minha procura, mas a casa está silenciosa, apoio-me no muro e abro meu caderno, há cerca de cento e cinquenta poemas nele, entre meus e de grandes autores e pensadores. Abro em uma página aleatória e me surpreendo com a coincidência. É como se Fernando Pessoa tivesse escrito esse poema para mim, ou talvez para uma garota que estivesse passando pelo mesmo que eu.

“Tenho tanto sentimento

*Que é frequente persuadir-me
De que sou sentimental,
Mas reconheço, ao medir-me,
Que tudo isso é pensamento,
Que não senti afinal.*

*Temos, todos que vivemos,
Uma vida que é vivida
E outra vida que é pensada,
E a única vida que temos
É essa que é dividida
Entre a verdadeira e a errada.*

*Qual porém é a verdadeira
E qual errada, ninguém
Nos saberá explicar;
E vivemos de maneira
Que a vida que a gente tem
É a que tem que pensar.”*

Recito o poema como sempre faço, entoando seus versos e dando vida às palavras, esse conhecimento de cor, portanto não preciso ler, fecho meus olhos e permito que as palavras vagueiem

em meu cérebro até chegarem aos meus lábios. E quando termino e abro meus olhos, abafa um grito quando noto que não estou sozinha.

Há um rapaz, parado na minha frente, na verdade ele não está totalmente parado, ele tem dificuldades de manter o equilíbrio, ele parece o pêndulo do relógio da minha avó, balançando de um lado para o outro. Ele me olha como se estivesse vendo algo sobrenatural, seus olhos estão arregalados e ele não desvia o olhar mesmo quando eu me levanto.

— *So you're not a ghost?*² — ele pergunta e preciso me esforçar para entender que ele não está falando português.

— Quem é você? — Aperto o meu caderno contra o peito e dou um passo para o lado. — O que está fazendo no meu quintal?

Ele também dá um passo e volta a ficar na minha frente.

— *You're real.*³ — Ele estende a mão e o ato o faz perder um pouco o equilíbrio, ele parece estar bêbado e sem compreender o porquê, o seguro, impedindo-o de cair no chão. Ele continua me olhando e agora mais de perto posso sentir o cheiro de bebida que está impregnado em suas roupas, ele me olha como se eu realmente fosse um fantasma e fico constrangida. Assim que percebo que ele já está a salvo o solto.

— Quem é você? — pergunto mais uma vez, ele inclina a cabeça para o lado enquanto me analisa, olho para baixo e noto que estou usando um dos meus agasalhos velhos de quando eu tinha doze anos por cima do pijama, ele é colorido demais, em tons de néon que mais se parecem com um figurino de um clipe da Cyndi Lauper, e tenho certeza de que nesse momento estou mesmo parecendo a louca que minha mãe tanto teme. Ele não me responde, mais uma vez e começo a achar que ele possa ser surdo.

— *You're linda!*⁴ — ele diz e me faz rir com sua mistura de inglês e português, mesmo que eu não queira porque a maneira como a palavra linda sai da sua boca me indica que: ou ele é o cara mais bêbado que já vi na vida, ou ele realmente não é brasileiro.

— Qual o seu nome? — pergunto dessa vez em inglês.

— Christopher — ele responde em meio a um sorriso que sai um pouco torto e tenho a certeza de que ao menos surdo ele não é.

— Quem é você? — pergunto agradecendo a meus pais por terem me obrigado a fazer o curso de inglês com a Professora Mafalda, a pior de toda a minha vida, mas a que me fez aprender de verdade.

— Christopher — ele responde mais uma vez e passa a mão no cabelo antes de cambalear novamente.

— De onde você veio? — reformulo minha pergunta tentando descobrir mais alguma coisa sobre meu visitante noturno.

— Do céu. — Ele aponta para cima e percebo que não obterei muito mais do que isso de um rapaz à beira de um coma alcoólico, ele perde o equilíbrio novamente e desta vez dá dois passos para trás.

— Cuidado! — falo um pouco alto demais e ele se assusta.

— Qual o seu nome? — ele pergunta assim que consegue recobrar o equilíbrio.

— Laura — respondo e seu sorriso volta, dessa vez ainda maior fazendo com que seus lábios se curvem para cima.

— Laura... — ele repete enrolando o “erre” de forma engraçada. — Eu *querer* comer você — ele diz, dessa vez em português, e mesmo com a pronúncia enrolada pelo idioma e pelo álcool eu compreendo perfeitamente o que ele diz. O suficiente para fazer algo que me surpreende.

Eu lhe dou um tapa.

Ele também se surpreende e perde o equilíbrio, caindo no chão e batendo a cabeça com tanta força que tenho a absoluta certeza de que acabei de matar o garoto.

E então eu grito.

Capítulo 8

CHRISTOPHER

Minha cabeça gira. Tenho a sensação de estar em uma montanha-russa, subindo lentamente e depois descendo em alta velocidade. Ouço vozes, mas não consigo distinguir o que é dito. Muito menos quem fala.

Tento abrir os olhos, mas há uma luz forte direcionada para meu rosto e cubro-o com meu braço.

— Ei, primo, você está vivo? — Jeremy diz bem perto de mim, abro um olho e o encontro sorrindo. — Isso aí! Continua assim, se fingindo de morto. — Faço exatamente o contrário do que ele me diz e levanto, só para constatar que eu realmente devo estar em uma montanha-russa porque caio para trás como um peso morto. Clarice se apressa a segurar-me e me pergunta se estou bem, balanço a cabeça dizendo exatamente o contrário do que sinto, sento-me mais uma vez e então eu a vejo.

Ela está sentada na cadeira do outro lado da sala, seu olhar está fixo em mim, alheia à toda a confusão que acontece à nossa volta, como se só existissem nós dois neste lugar.

— Você está bem? — Ela gesticula em silêncio e em inglês, balanço a cabeça confirmando e, dessa vez, eu realmente me sinto bem porque não há a menor chance de não ficar bem quando uma garota tão bonita sorri para mim assim como ela faz.

Não me lembro de como vim parar aqui, na verdade eu nem ao menos me lembro de como saí daquela festa, a última coisa que me lembro foi de uma garota de cabelos curtos me agarrando e, em seguida, tudo se passou como um flash em minha cabeça. A música alta, as pessoas aglomeradas, o lugar apertado, muita bebida, a maldita caipirinha que finalmente conheci, as mulheres... muitas mulheres, bem solícitas, me apalpando e me beijando, não tenho

certeza se usei todas as frases e palavras que Jeremy me ensinou, mas seja lá o que eu tenha dito funcionou.

Mas agora... agora estou aqui nessa sala que não é a da casa da minha tia, olhando a garota mais bonita que já vi na vida, me esforçando para não parecer mais idiota do que eu provavelmente fui essa noite, enquanto tento não me deixar afetar por sua beleza.

Ela coloca uma mecha de seus cabelos atrás da orelha e sorri desviando o olhar e eu falho vergonhosamente na tarefa que me dispus a cumprir. Ela me afeta, é como um soco no estômago, me curvo ao seu olhar intenso, desnudado de timidez, embora seu sorriso diga o contrário.

— Pai? — ela o chama. Em inglês e sei que está falando para que eu possa de alguma maneira participar da conversa. — Ele não fez nada de mais, eu apenas me assustei.

Seu pai, um homem que aparenta ter cerca de sessenta anos, com cabelos bem brancos e um olhar feroz, me analisa como se eu fosse algo perigoso. Ajeito-me no sofá desejando não estar cheirando a bebida. Mas eu estou, tanto que tenho até medo de abrir a boca e ele sentir o cheiro de onde está.

— Eu só espero que você se mantenha longe do meu quintal, está me ouvindo, garoto? — ele fala em inglês, um pouco confuso e bastante nervoso, mas o suficiente para que eu o compreenda e confirme com a cabeça. Péssima ideia, porque tenho a sensação de que algo está solto dentro dela.

Maldita caipirinha!

— Eu prometo que isso não vai se repetir, senhor — digo tentando parecer o mais convincente possível mesmo que por dentro eu esteja certo de que esse foi apenas nosso primeiro encontro. Eu preciso saber mais sobre essa linda garota de olhar apaixonante e dona da voz mais bonita que já ouvi.

Capítulo 9

LAURA

Estou bem propensa a pedir um calmante a minha médica, um bem forte, talvez um de uso controlado, tarja preta. Acho que um tranquilizante talvez seja melhor, daqueles que derrubam até mesmo um elefante.

Faz quase uma semana desde que vi Christopher pela primeira e única vez. Desde então tenho evitado sair no quintal, principalmente à noite. Desde então eu não leio mais, pelo menos não meus poemas e principalmente não em voz alta. Desde então tudo o que consigo pensar é em seu sorriso, na maneira como o jeans e a camiseta parecem ficar tão bonitos nele, em seus cabelos loiros e como o vento bagunçava-os, em como ele falou meu nome com seu sotaque forte e sua voz grave. Penso em Christopher a cada segundo do dia, principalmente no fato de que ele está a menos de cinco metros de distância de mim neste momento e mesmo assim faz seis dias que nos vimos.

Já passa das duas da manhã, estou física e mentalmente cansada, mas me recuso a deitar, não quero passar mais uma noite rolando na cama de um lado para o outro. Abro as cortinas do meu quarto e a janela, estou agitada e nervosa, meu coração parece querer saltar do peito e isso me apavora. Meu pobre coração...

Ouçó um assobio bem baixo, viro o rosto na direção do som e então o vejo. Quase uma semana se passou e ele parece ter ficado ainda mais bonito. Mesmo de longe posso ver seu sorriso largo e espontâneo, ele tem um sorriso lindo, mesmo à noite e de longe eu consigo ver seu sorriso e meu coração reage a ele imediatamente. Ele acena para mim e eu aceno de volta. Ficamos alguns minutos assim, sem dizer uma palavra sequer, apenas nos olhando como se um não fosse capaz de acreditar na presença do outro.

A cena se repete nas noites seguintes e sem que eu perceba me pego esperando por ele na janela todas as noites como uma donzela apaixonada. É patético e vergonhoso, mas espero por esse momento durante todo o dia.

Hoje estou ainda mais ansiosa, me olho no espelho algumas vezes antes de abrir as cortinas, coloquei uma blusa legal e escovei os cabelos algumas vezes, sei que ele não conseguirá notar, mas até mesmo um batom passei, ultimamente estou ficando com uma coloração meio esquisita e por mais sol que eu tome, eu simplesmente não consigo ficar com uma cor saudável. Talvez seja porque eu realmente não estou saudável.

Christopher aparece na sacada do quarto de Jeremy, embora esteja um dia frio ele usa apenas uma camiseta e seus cabelos estão rebeldes como se ele tivesse acabado de acordar, eu adoro esse ar rebelde que ele tem, parece não se preocupar muito com a sua aparência o que o deixa ainda mais charmoso. Ele acena para mim e eu repito seu gesto, não dizemos nada por alguns minutos como em todas as outras noites até que eu encerro nosso estranho encontro e fecho as cortinas me encostando à janela e sentindo um aperto no peito. Eu não deveria estar fazendo isso, não sei onde pretendo chegar, ele não é daqui e eu... bem, eu não ficarei aqui por muito tempo. Então eu deveria parar com isso antes que passe do limite seguro para mim, o problema é que eu acho que esse limite se rompeu no momento em que ele sorriu para mim pela primeira vez.

Capítulo 10

CHRISTOPHER

em uma

Estamos
cidade

universitária, a proporção de mulheres para cada homem aqui chega a ser uma covardia para as outras cidades: tem loira, morena, ruiva, negra... tem uma para cada dia da semana, aliás, semana essa que você mal aproveitou... — Jeremy está parado à minha frente, os braços cruzados enquanto tenta me convencer a sair essa noite.

— Quem disse que não aproveitei? — digo afofando o travesseiro antes de colocá-lo na parede e me recostar nele. — Eu estou adorando ficar aqui. — Abro os braços indicando seu quarto.

— Tenho certeza de que meu quarto não é o lugar mais interessante do mundo. — Ele olha para a sacada e volta a me olhar como se finalmente compreendesse meus motivos. — A não ser que... — Ele vai até a sacada e olha para a janela do quarto dela, a única coisa que é possível ver de onde está e volta. — Porra, Chris, tanta mulher nesse país você vai mesmo querer se interessar por ela? Isso é a pior coisa que você poderia fazer na merda da sua vida.

— Por que a pior? — pergunto me sentindo tentado a defendê-la, mesmo que não haja motivos para tal já que nem ao menos nos falamos desde aquela noite horrível em que eu a ofendi sem querer.

— Christopher, presta atenção. — Ele se senta ao meu lado. — Por favor, fica longe da Laura.

— Por quê? — repito a pergunta que ele não respondeu.

— Na boa, cara, você não vai querer nada com essa garota.

— Por quê? — pergunto mais uma vez e sinto que estou começando a ficar irritado.

Jeremy passa a mão nos cabelos e por um breve momento consigo ver a semelhança entre nós dois quando ele faz isso.

— Ela é uma garota bacana, Chris, mas você não vai querer se meter com ela — Jeremy diz sério, mas tão sério que eu mal o reconheço. — Ela não merece isso.

— Isso o quê? — Ergo-me para poder falar. — Eu não fiz nada com a garota, o pai dela me proibiu de me aproximar e ela nunca está sozinha, passa a maior parte do dia fora e quando está em casa está sempre no quarto, eu mal a vejo, não sei como posso prejudicá-la.

Jeremy me olha como se eu acabasse de confessar que escondi um corpo em seu quintal.

— Você está obcecado pela Laura! — ele fala como se fosse algo absurdo se interessar por ela. Na verdade eu me pergunto todos os dias por que Jeremy nunca me falou que ela era sua vizinha porque eu não consigo imaginar como ele poderia ter uma vizinha melhor.

— Eu não estou obcecado, eu apenas fiquei curioso — me defendo e sinto que ele pode notar a mentira em minhas palavras.

— Fique longe da Laura, Chris — ele me avisa em um tom que não gosto. — Eu estou te falando, ela não é como as outras garotas.

— Eu sei que não.

E essa é a questão, ela não é como as outras garotas, ela não está sempre à disposição, ela não parece estar caída pelo meu sotaque ou simplesmente pelo fato de eu ser um cara de fora. Eu nem sei se ela realmente sabe que eu sou um cara de fora.

Nós nem ao menos nos falamos, e isso me deixa ainda mais instigado por essa garota. Definitivamente Laura não é como as outras garotas e isso é o que mais gosto nela.

Ele me olha por um tempo maior do que eu gostaria e se levanta, respira fundo como se eu tivesse revelado um grande segredo e volta a se olhar no espelho como se nada tivesse acontecido.

— Agora levanta essa sua bunda inglesa dessa cama, vou te mostrar o que é uma festa de verdade. — Ele coloca um chapéu de cowboy na cabeça e dá um grito agudo como se estivesse domando um touro.

— Eu me recuso a sair de casa usando isso. — Aponto para sua roupa, ele está usando um traje caipira, diferente do seu usual jeans e camiseta de todos os dias.

— Primo, você precisa se soltar mais. — Ele ajeita o chapéu na frente do espelho, procurando o ângulo certo. — As garotas amam um peão de rodeio. — Ele me olha por baixo do chapéu e sorri como se estivesse tentando me paquerar. — E se elas amam, meu amigo, eu serei o que elas quiserem.

Jeremy pega a carteira e enfia no bolso da calça apertada que ele está usando, levanto-me da cama sentindo-me curioso, e o sigo.

— Você vai mesmo vestido assim? — Ele aponta para meu jeans e camiseta e confirmo com a cabeça.

— Vou, não estou tão desesperado a ponto de usar isso aí. — Aponto para a sua calça. — Eu pretendo ter filhos algum dia.

Ele abre o guarda-roupa e pega uma camisa de flanela e joga para mim.

— Então ao menos coloque isso.

Faço o que ele pede e visto a camisa, me olho no espelho e me sinto mais como um exemplar britânico de Kurt Cobain do que com um cowboy. Mas para mim tudo bem, estou mesmo meio melancólico esses dias.

Antes de sair dou mais uma olhada para a janela do quarto dela decidido a resolver o mistério que cerca essa garota quando eu voltar. Totalmente lúcido dessa vez.

Capítulo 11

LAURA



Ouço a animação vinda do quarto de Jeremy antes deles saírem, sei muito bem para onde eles estão indo e me sinto uma idiota por não ter aceitado o convite das minhas amigas para ir à festa de peão que está acontecendo na cidade vizinha. Acontece que nunca gostei de festas de peão e ando tão cansada ultimamente que só de pensar em todo o trajeto que terei que caminhar até lá me faz perder o ar. Agora é tarde, elas já foram sem mim, e embora eu saiba que meus pais não se negariam a me levar se eu pedisse, mesmo que eles não gostem quando saio de casa, coisa que venho fazendo cada vez menos nos últimos meses, eu não peço.

Desço as escadas e vou até a sala, vejo quando eles saem, Jeremy vestido a caráter com direito a chapéu e tudo, Christopher com uma camisa xadrez aberta sobre sua camiseta cinza, os cabelos despenteados de um jeito meio esquisito, mas que de alguma forma o deixa ainda mais bonito. Eles conversam com o pai de Jeremy, se despedem e Christopher abre a porta do passageiro, porém antes de entrar olha na minha direção e logo um sorriso surge em seus lábios, me pego sorrindo também porque é quase impossível ficar imune a seu sorriso, ele parece iluminar tudo à sua volta, e atinge o ponto escuro dentro do meu coração. Aquele que deveria estar morto e não reagir a sorrisos bonitos, mas que está caidinho por esse.

Christopher ergue a mão em um aceno que já se tornou familiar para mim e entra no carro, Jeremy me cumprimenta balançando seu chapéu no ar antes de entrar no carro e dar partida e ambos saem prometendo tomarem cuidado para Clarice que está sorrindo para eles enquanto os observa se afastarem.

Sento-me no sofá sentindo meu coração aos pulos apenas por vê-lo mais uma vez, uma expectativa nova cresce em meu peito e me pego desejando poder falar com ele novamente, levanto rapidamente e vou para o meu quarto, no caminho chamo minha mãe, ela vem correndo, assustada e quando para na porta com os olhos arregalados, a respiração acelerada e me encontra mexendo nas roupas ela fica sem entender muito bem o que está acontecendo.

— Mãe, mudei de ideia — digo enquanto pego uma roupa qualquer, colocando-a na cama e começo a me despir indo para o banheiro. — Eu quero ir a festa com minhas amigas! — grito antes de ligar o chuveiro e deixar que o jato de água quente leve embora todo o medo.

Hoje serei apenas Laura Vieira, a garota com prazo de validade que resolveu aproveitar a vida, nem que seja apenas por uma noite.

Capítulo 12

CHRISTOPHER



Uma das coisas mais estranhas que já tive a chance de experimentar na vida é andar do lado contrário no carro, me sinto um pouco tonto e com uma vontade imensa de obrigá-lo a ir para a outra mão de direção, mas me controlo.

A viagem até a cidade vizinha dura menos de quarenta minutos e logo estamos estacionando em um grande terreno de terra batida; do estacionamento já se pode ouvir a música alta e as pessoas. Jeremy desce levando seu chapéu consigo como se fosse um troféu e quando chegamos ao local da festa noto que não é só ele que parece disposto a agradar as garotas, três em cada três homens nessa festa usam chapéu e começo a me sentir o estranho.

— Eu te avisei — Jeremy diz enquanto encaixa o chapéu na sua cabeça, arruma a gola da camisa e desvia de um grupo de caras que passam como uma banda de música country, todos exatamente iguais.

Caminhamos entre a multidão e logo Jeremy encontra o primeiro grupo de garotas para mexer, permaneço ao seu lado, os braços cruzados enquanto ouço-o falar com elas sem entender absolutamente nada. Faz quase dez dias que cheguei ao Brasil e, embora Jeremy tente me ensinar, português é mais difícil do que eu imaginava.

— Este é meu primo. — Ele aponta para mim e fala. — E ele é inglês. Veio de Londres. — As meninas me olham como se ele tivesse falado que sou um pote de ouro. Aceno para elas e falo com meu português vexatório.

— Olá, meninas.

Elas sorriem e começo a ficar meio desapontado com a maneira quase que repetitiva com a qual as garotas brasileiras reagem a mim. Ou talvez a culpa seja de Laura que vem tornando a arte da paquera cada dia mais difícil.

E assim começamos nosso complicado diálogo onde a mímica se torna o idioma mais utilizado e logo perco o interesse, é desgastante tentar manter uma conversa com alguém que, além de não ser a pessoa com quem você gostaria de estar falando, não sabe falar seu idioma.

Dois minutos depois Jeremy já está agarrando uma das garotas e eu fico sem saber o que fazer com as outras duas que me olham como se estivessem prestes a me comer vivo. Dou graças a Deus quando uma delas diz algo que eu não faço a menor ideia do que seja e as duas saem me deixando sozinho. Apoio-me na parede e aguardo Jeremy voltar enquanto observo as pessoas andarem de um lado para o outro.

Em pouco tempo fico entediado, o barulho da música alta me incomoda e percebo que a única coisa que quero realmente é voltar para casa, estou prestes a ir atrás de Jeremy quando vejo algo que chama minha atenção. Na verdade, alguém.

Ela está sozinha, usando jeans e uma camiseta de mangas compridas, parece destoar de todas as outras garotas porque, embora esteja bem arrumada, não parece querer chamar a atenção e mesmo assim ela é a garota mais bonita da festa. Ao menos para mim.

Ela passa entre um grupo de pessoas e sem pensar vou atrás dela.

— Laura? — a chamo quando me aproximo e ela se vira quase que imediatamente. Ao me ver, ela suspira como se estivesse exatamente à minha procura.

— Christopher.

Meu nome sai como um suspiro de seus lábios.

Ela parece cansada como se tivesse corrido uma maratona e seu rosto está um pouco pálido. Mas assim que me vê ela sorri e eu sorrio de volta. Ficamos assim, parados, olhando um para o outro, no meio da multidão de pessoas que passam por nós.

— Tudo bem com você? — pergunto meio sem jeito e tentando esconder a excitação por encontrá-la aqui.

— Estou sim, e você? — ela responde em inglês ainda um pouco ofegante, mas já recuperando a cor.

— Um pouco surdo. — Aponto para o ouvido, pois, às vezes, fica quase impossível de falar em meio a gritaria. Ela ri.

— Onde está o Jeremy? — Laura pergunta olhando em volta à procura do meu primo.

— Ele está com uma garota — digo um pouco sem graça. — Mas não sei onde eles estão.

— Ah... e você? — ela deixa a pergunta meio no ar e imagino que ela esteja se referindo ao fato de eu não estar com ninguém.

Estava contando as horas para poder te ver. É o que eu desejo responder, mas me limito a dizer que estava aguardando até que meu primo voltasse.

— Então acho que cheguei em uma boa hora, não é? — ela brinca falando em um inglês um pouco ruim, mas o suficiente para que eu possa compreendê-la.

— Você não imagina o quanto. — Tento não demonstrar a ansiedade que sinto para conhecê-la um pouco mais. Na verdade, muito mais. — Está sozinha? — Rezo para que ela diga que sim, não sei como vou reagir se ela disser que veio ver alguém, principalmente se for um cara e me pego pensando que nunca passou pela minha cabeça que ela possa ter um namorado ou gostar de alguém, embora eu nunca tenha visto nenhum cara em sua casa, na verdade eu nunca vi ninguém, ela me parece ser uma pessoa muito sozinha. Sozinha demais para alguém tão jovem.

— Eu estava procurando umas amigas. — Ela aponta para a multidão e desanimo com a expectativa de não poder conversar com ela a sós.

— Se quiser posso ajudá-la a procurar por elas — me ofereço, quem sabe para minha sorte suas amigas tenham ido embora e eu tenha uma chance.

— Não precisa mais — ela diz. — Acho que elas não me esperaram.

Sei que não deveria, mas sinto a alegria voltando.

— Está gostando da festa? — ela pergunta cruzando os braços meio sem jeito e percebo o quanto é tímida.

— É uma festa bem interessante, diferente. — Olho em volta e percebo que não percorri nem mesmo um por cento do lugar desde que cheguei e já sinto como se tivesse visto tudo.

— Você não gostou, não é? — Laura ri e coço a cabeça não querendo parecer grosseiro.

— Na verdade, eu não gosto muito de barulho — confesso.

— Eu também não — ela diz e fico feliz ao perceber que temos algo em comum.

Um grupo de pessoas passa e um cara segurando uma caneca enorme de cerveja esbarra nela derrubando um pouco em seu vestido.

— Ei! Cuidado. — Seguro o braço dele afastando-o dela. — Por que não olha por onde anda? — Ele me olha por um instante, inclina a cabeça para o lado e ri, como se eu tivesse cara de palhaço. — O que foi? Qual a graça? — pergunto não gostando muito da sua reação.

— Christopher? — Laura chama minha atenção. — Ele provavelmente não está entendendo o que você disse.

Só então noto que falei em inglês e que nem todos aqui conhecem meu idioma.

— Claro... Hã... er... desculpe — digo em português.

— *Sorry man*⁵ — o cara diz em um inglês embriagado quando solto seu braço e se afasta cambaleando um pouco.

— Desculpe. — Passo a mão no cabelo e me sinto um idiota. Ela ri e fico aliviado, ao menos ela se divertiu com meu papelão. — Ele te machucou?

— Não, só me deixou com um pouco mais de frio — ela diz cruzando os braços na frente do corpo. Tiro a camisa imediatamente e entrego a ela.

— Não. Imagina, você vai ficar com frio — ela nega a camisa.

— Precisa de um pouco mais do que isso para que eu comece a me incomodar. — Volto a estender a camisa. Ela morde o lábio pensando se deve ou não aceitar. — Pegue, por favor. — Coloco a camisa em suas mãos e ela aceita.

— Obrigada. — Laura veste a camisa, ela chega quase na altura da sua coxa fazendo-a parecer uma espécie de *grunge*⁶.

Outro grupo de pessoas passa por nós e sou obrigado a puxá-la para perto quando um deles quase a derruba.

— Acho que estamos no meio do caminho, o que acha de sairmos daqui? — pergunto ainda segurando seu braço mesmo que não haja mais necessidade. Não quero soltá-la e ela parece não se incomodar, pois não se afasta.

— Eu acho que seria ótimo — ela sussurra e agradeço o idiota que derramou a cerveja, ela ficou ainda mais bonita usando a camisa de flanela. Uma pena que ela não seja minha.

Olho em volta tentando me lembrar de onde estamos e onde é a saída desse lugar, Laura parece ter tido o mesmo pensamento e começa a andar em direção a saída.

— Você se lembra de onde deixaram o carro? — ela pergunta sem deixar de andar.

— Acho que sim. — Me esforço para me recordar o lugar exato, enquanto caminho ao seu lado.

Pouco depois chegamos ao lugar onde Jeremy estacionou e, para minha surpresa, o lugar está mais cheio do que eu imaginava, olho em volta inclinado a convidá-la a voltar para a festa já que alguns casais estão usando o lugar para beijos mais ousados. Dezenas de carros estão embaçados, ouço gemidos e me sinto um pouco constrangido, olho para Laura e percebo que ela também parece um pouco sem graça embora esteja rindo.

— Desculpe, eu não sabia que... — Estou constrangido enquanto Laura sorri divertindo-se com meu embarço.

— Não se preocupe. A vida é para ser vivida, não é mesmo?

— Acho que sim. — Coço a cabeça sem entender o que ela quer dizer, Laura não parece uma garota que transa no banco de um carro, mas não vou julgá-la se for.

— Você está com as chaves? — Ela olha para o carro do meu tio, com um ar travesso em seu rosto deixando-a com uma aparência quase infantil. Pensamentos pouco educados passam por minha mente enquanto ela sorri para mim.

Ponho as mãos nos bolsos apalpando-os, estou nervoso com a perspectiva de estar dentro do carro com ela, dois carros à frente consigo ver uma garota no colo de um cara, ela tem os cabelos negros igual os de Laura e se move freneticamente, me sinto esquisito, já transei com garotas no primeiro encontro, frequento dormitórios na faculdade e em Londres as garotas tem uma visão muito liberal sobre o sexo, mas Laura não se parece em nada com as garotas dos dormitórios que costumo frequentar, ela não se parece com nenhuma garota com quem já estive e esse era um dos motivos que me deixou assim. Seu ar misterioso, sua pureza quase infantil, a forma como ela parece solitária chamaram minha atenção e, embora eu não possa dizer que não imaginei como seria transar com ela duas mil vezes desde que a vi pela primeira vez, estou um pouco desapontado com a forma como vai acontecer. Acho que criei uma atmosfera meio que romântica demais em volta dela, ou talvez seja apenas nervoso.

Encontro as chaves e tiro-as do bolso chacoalhando na frente de Laura, que parece estar mais animada do que eu.

— Podemos conversar sem sermos interrompidos por bêbados aqui dentro. — Ela aponta para o carro. — Se você não se importar com a vista. — Ela parece ficar um pouco tímida e me esforço para falar.

— Claro, podemos sim. — Sinto meu corpo esquentar e fico estranhamente agitado.

— E podemos ouvir um pouco de música boa também — ela diz ainda com um sorriso ingênuo demais nos lábios.

— Sim, música boa, por favor. — Ponho as mãos no ouvido fazendo-a rir.

Abro a porta do carro e espero até que ela entre, em seguida passo as mãos nos cabelos afastando uma mecha e colocando-a atrás da orelha, entro no carro e ficamos um momento parados, olhando para o painel sem saber o que dizer.

— Christopher...

— Laura...

Falamos, sorrimos e nos olhamos ao mesmo tempo.

Por um breve instante me lembro de Jeremy pedindo para que eu não me aproxime dela e, enquanto observo seu rosto delicado, seus olhos grandes e expressivos e seus lábios rosados, tento entender por que eu deveria me manter longe dela se não consigo imaginar como um homem pode conseguir essa façanha.

Capítulo 13

LAURA



Durante todo o caminho até aqui, prometi a mim mesma que se eu conseguisse encontrá-lo essa noite eu iria fazer valer a pena. Não sei nada a seu respeito além do seu nome e país de origem, que seu sorriso é espetacular e que seus cabelos, embora sejam lindos, parecem não ter uma relação muito boa com a escova. Mas isso não importa, agora ele está aqui, na minha frente sorrindo para mim, com seus lindos olhos verdes me olhando e simplesmente não sei mais o que fazer que não me faça parecer uma garota fácil.

Estamos em um estacionamento lotado de casais fazendo sexo e começo a rezar para que ele não me proponha o mesmo, não era essa a minha intenção embora eu deveria. Como disse, eu decidi que a vida é curta demais para perder tempo com coisas que não vou levar comigo então eu deveria agir, esticar-me na sua direção, tocar seus cabelos bagunçados, sentir o sabor de beijar seus lábios, tocar sua pele, sentir seu cheiro... eu deveria fazer isso, deveria propor sexo no carro como as outras garotas que estão aqui, mas eu não sou assim, e por mais que eu saiba que provavelmente morrerei virgem, eu não tenho coragem de fazer isso. Mesmo que seja com ele.

— Que tipo de música você gosta? — ele finalmente pergunta ligando o rádio do carro e buscando uma estação aleatória. Tenho a impressão de que ele está nervoso e dou graças a Deus quando ele tenta quebrar o clima.

— Quase tudo, menos as músicas barulhentas que Jeremy ouve de vez em quando — respondo observando o quanto suas mãos são bonitas. Christopher é mais alto que a maioria dos rapazes da cidade, é notório que ele não é daqui, mesmo que ele não abra sua boca eu perceberia que ele não é um cara como os outros, e não digo isso por causa da sua beleza, Jeremy também é um rapaz muito bonito e imagino que seja uma característica da sua família, mas Christopher tem um ar de confiança que os garotos da idade dele ainda não têm.

Ele sorri de meu comentário enquanto pula de uma estação para a outra, uma mecha do seu cabelo cai no rosto e ele a coloca atrás da orelha, as músicas variam enquanto ele continua na sua missão de encontrar a música perfeita até que ele para quando ouve um rock internacional.

— Posso deixar nessa?

Ele é gentil e isso é um ponto a mais a seu favor, mais uma coisa que sei sobre ele.

— Eu adoro essa música — admito enquanto o som da guitarra preenche o pequeno espaço.

Ficamos mais um tempo em silêncio ouvindo a música, ele parece desconfortável e mexe as pernas que batem no volante enquanto tamborila os dedos seguindo a melodia.

— De onde você é? — pergunto puxando um assunto porque não conheço o protocolo de conversas em um estacionamento. Talvez porque geralmente não se conversa em um estacionamento.

— Londres — ele responde. Seus olhos se apertam sorrindo junto com seus lábios e deixando-o com um ar sexy.

— A terra da rainha — afirmo e ele olha para mim.

— Sim — ele responde fazendo uma careta que o deixa charmoso. — Mas Londres não é só a terra da rainha.

— Sim, eu sei, tem o Big Ben, Sherlock Holmes, monstro do lago Ness, U2. — Tento parecer mais interessada do que realmente sou, a verdade é que nunca liguei muito para a Inglaterra, não gosto de chuva e saber que lá chove quase o ano inteiro sempre foi o suficiente para me manter bem desinteressada. Até hoje.

Christopher começa a rir, uma risada escandalosa que faz com que ele jogue a cabeça para trás descansando-a no encosto do banco.

— Ah não, que decepção — ele diz segurando a barriga como se estivesse sentindo dor. — Achei que você fosse uma garota inteligente.

— Ei, eu sou muito inteligente — finjo-me de ofendida, mas sei que ele está apenas brincando.

— Eu sei que é. — Ele se vira para mim ao responder. — Mas Ness não é inglês e sim escocês e U2 é irlandês.

— E não é tudo a mesma coisa? — pergunto virando-me para ele. Nossos joelhos se tocam e ele não se afasta.

— Claro que não! — ele diz como se fosse a coisa mais óbvia do mundo.

— É sim, são todos países do Reino Unido, sendo assim é tudo a mesma coisa.

Christopher ergue uma sobrancelha olhando-me como se estivesse surpreso.

— Okay, você tem razão, pensando por esse lado.

— Viu só, sou muito inteligente.

— A brasileira mais inteligente que já conheci. — Ele olha para o teto, a luz fraca do interior do carro permitindo-me observar suas feições um pouco melhor.

— Eu deveria me sentir lisonjeada?

— Com certeza — ele responde.

Uma balada romântica começa a tocar no carro, a música fala sobre demonstrar o amor com atitudes, *More than Words*. E nesse momento eu poderia agradecer ao Extreme por criar essa música porque ela é perfeita para esse momento. Sinto algo se agitar dentro de mim, a necessidade de viver uma história de amor, de me apaixonar ou apenas viver uma aventura romântica dentro de um carro em um estacionamento. Sinto um nó na minha garganta, a música me afeta, me entristece e baixo o olhar quando meus olhos marejam.

— Laura — ele me chama do seu jeito enrolado e sorrio desejando tê-lo conhecido antes, ou talvez ter a oportunidade de conhecê-lo melhor. Eu poderia ser mais corajosa e propor logo que façamos sexo, imagino o quanto seria maravilhoso fazer sexo com ele e meu rosto se aquece; eu deveria, mas quanto mais o tempo passa mais eu sinto que isso se torna algo impossível de acontecer.

— Agora conheço mais uma coisa inglesa — digo desejando ser mais corajosa e destemida. Essa noite deve ser especial e não deixarei que a vergonha me impeça de fazer o que sinto. O tempo é curto demais para aguardar.

— O quê? — ele pergunta inclinando sua cabeça em minha direção como se soubesse o quanto o desejo nesse momento, a batida perfeita do violão deixa o clima ainda mais propício. Olho dentro de seus olhos e já não sei mais onde estamos, não ouço mais nada além do meu pobre e defeituoso coração batendo em meu peito.

— Você — digo e ele baixa o olhar, o sorriso fazendo seus olhos se apertar um pouco.

— Espero que eu esteja acima do Ness — ele brinca e a cada segundo ele parece estar mais perto de mim, seus olhos brilham mesmo na escuridão da noite e sinto meu estômago revirar.

— Acho que nesse momento você está acima de muita coisa — falo e meu coração dispara no peito diante da minha ousadia. Nunca fui tão direta com um garoto como estou sendo com ele e quando ele sorri satisfeito com minha resposta sinto que valeu a pena.

Ele se mexe aproximando-se um pouco mais e posso sentir o cheiro do seu perfume, o calor da sua respiração, a intensidade do seu olhar.

— Laura... — ele sussurra e fecho os olhos.

— Gosto de ouvir você falar meu nome — admito e decido que essa noite não terei reservas com ele. Sei que ele irá embora em breve, provavelmente nunca mais nos veremos e quero que essa seja uma boa lembrança para os meus momentos ruins.

— Laura... — ele diz mais uma vez e sorri, timidamente. Seu rosto fica vermelho e ele surpreendentemente mais bonito. — Laura... — ele repete e sinto sua voz agitar todo o meu corpo.

— Viu só, já está acima até da rainha, já que eu não tenho certeza se ela falaria meu nome da mesma maneira.

— Eu acho que não — ele diz cheio de si, ainda sorrindo. — Ao menos acredito que minha voz seja melhor que a dela.

— Mas ainda não está acima de Noel Gallagher — digo tentando provocá-lo e quando vejo sua cara de desgosto sei que consegui.

— Aquele cara é um babaca — ele diz parecendo ofendido.

— Não gosta de Oasis?

— Não — ele responde categoricamente. — Principalmente agora que sei que Noel Gallagher está acima de mim.

— Talvez se eu ouvir você falar muitas vezes quem sabe eu até me esqueça do Noel — digo sentindo meu rosto esquentar quando ele me olha com uma expressão galante e absurdamente bonita.

— Eu posso começar agora se você quiser.

— Eu espero que ainda tenhamos algum tempo para que você possa me convencer.

— É tudo o que mais quero — ele fala e a cada vez eu fico mais encantada com seu sotaque, com a forma dura como ele fala, como os “erres” saem carregados e todas as palavras parecem ficar pairando mesmo depois de pronunciadas.

— Christopher. — Ajeito-me no assento e noto que meu corpo inteiro está tremendo.

— *Yeah* — ele responde em um sussurro rouco que me causa arrepios.

— Você me acharia muito fácil se eu te pedisse para me beijar agora?

Ele me olha com um ar curioso e sinto como se as palavras houvessem sido ditas por outra pessoa e não por mim. Desejo poder desfazer a pergunta, de repente não me sinto tão corajosa assim, e quando ele se aproxima ainda mais, quando sinto a mecha rebelde do seu cabelo tocar meu rosto, quando sinto sua respiração tão perto, que é como se ela se tornasse a minha, e quando sinto a sua mão segurar meu rosto, eu percebo que não tem mais volta.

— Eu adoraria te beijar. — Ele molha os lábios e meus olhos se prendem na forma como eles se movem, no fato de ele ter lábios carnudos mais bonitos do que os meus e o quanto eu desejo sentir o seu sabor, ele se aproxima ainda mais, seu nariz quase tocando minha pele, sua respiração aquecendo meu rosto e segundos antes dele me beijar repasso mentalmente todas as técnicas que conheço para beijá-lo da melhor maneira que consigo, mas basta seus lindos lábios tocarem os meus que até mesmo respirar se torna um ato difícil.

Christopher me beija devagar, segurando meu rosto em suas mãos enquanto seus lábios se movem sobre os meus, eles são quentes e macios e me surpreendo com a maneira com que me sinto enquanto ele me beija, é como se eu sempre houvesse beijado-o. Não há a surpresa inicial de quando beijamos alguém pela primeira vez, não há aquele momento estranho em que nossas línguas não sabem o que fazer, nem mesmo a sensação de estar sendo invadida. Há apenas o reconhecimento, como se estivéssemos separados por toda a vida e finalmente houvésssemos nos encontrado.

O beijo termina lentamente e antes de se afastar ele me beija mais uma vez, um beijo rápido como se ele completasse a ação e posso sentir seu sorriso em meus lábios enquanto ele se afasta. Nossos olhos se encontram e permanecem se olhando enquanto saboreio seu sabor em meus lábios.

— Obrigada — digo baixinho sentindo a vergonha finalmente me atingir.

— Sou eu quem preciso agradecer. — Ele volta a se sentar no banco, nossas pernas não se tocam mais, a música bonita acabou há tempos e só agora percebo que está tocando algo mais pesado, ele ajeita o cabelo mais uma vez colocando a mecha atrás da orelha e encara o volante. Temo ter sido ousada demais, talvez na Inglaterra as garotas nunca peçam para serem beijadas, ou talvez ele nunca tenha se deparado com uma garota com sede de vida, ânsia de sentir e um tempo tão limitado quanto o meu.

Capítulo 14

CHRISTOPHER



Sinto como se os meus lábios estivessem adormecidos, eles formigam e passo a língua buscando seu sabor. Ela baixa a cabeça e me sinto um idiota por não ter nada melhor para dizer, estou absurdamente nervoso e não sei o motivo. Não sou nenhum moleque e já beijei muitas garotas, no último ano muito mais do que na minha vida inteira, até mesmo aqui no Brasil ela não é a primeira garota que beijo, mas me sinto como se eu nunca houvesse beijado outra garota em minha vida e atribuo isso ao fato de ter passado os últimos dias fascinado por ela.

— Sabe. — Limpo a garganta antes de falar. — Eu não queria estar aqui essa noite — admito. — Na verdade eu estava prestes a ir embora quando te vi.

— Não gostou do rodeio? — ela me pergunta meio sem jeito.

— Não é isso, eu estava pensando em ir falar com você.

— Comigo? — Ela parece surpresa com a minha sinceridade.

— Jeremy me disse para ficar longe de você, aquela noite seu pai disse a mesma coisa, eu não consigo parar de tentar entender o porquê eles acham que eu não sou bom.

— Christopher.

Ela me chama e para, por um momento acho que ela desistiu de falar e fico ainda mais incomodado com isso. Talvez ela também me ache alguém de quem se deve manter distância.

— Não é você que não é bom para mim, sou eu quem não sou boa para você — ela diz finalmente e suas palavras não me ajudam em nada. Ao contrário, me sinto ainda mais confuso.

— Baseada em que você chegou a essa conclusão? — pergunto decepcionado com suas mentiras.

Laura não pode ser ruim para nada, não há como essa garota não ser a melhor coisa na vida de um cara, mesmo que seja um estrangeiro prestes a ir embora. Ela hesita em responder, desvia o olhar para o outro lado do estacionamento, morde o lábio puxando-o com os dentes e volta a me olhar.

— Porque eu vou embora em breve — ela diz como se fosse algo errado.

— Em breve quando? — pergunto mesmo sem acreditar em suas palavras.

— Eu ainda não sei, mas não ficarei aqui por muito tempo. — Laura cruza os braços no peito como se tentasse se proteger e começo a ficar com raiva, mesmo que eu não compreenda o porquê.

— Eu também estou indo embora em breve, Laura. Meus planos são de ficar aqui até que as aulas retornem em meados de agosto.

Ela sorri para mim e me sinto vulnerável.

— Esquece isso — ela implora. — Por favor, não estrague o melhor beijo que já dei em um inglês com perguntas que não tem respostas.

— E quantos ingleses você já beijou? — pergunto enquanto ela se aproxima.

— Por enquanto apenas um — Laura admite mordendo o lábio inferior como se tentasse se controlar.

— Eu deveria me sentir lisonjeado?

— Com toda a certeza — ela sussurra.

— Por que você não quer me responder por que você não é boa para mim? — volto a perguntar não querendo deixar o assunto morrer.

— Porque não há o que ser dito. — Ela estica a mão e toca a minha e noto o quanto ela está fria. — Não deixe que a vida estrague o nosso momento. Por favor — ela pede mais uma vez e respiro fundo aceitando sua resposta vazia. Talvez ela não queira nada além de uns beijos no estacionamento de um carro, talvez ela só quisesse saber como é beijar um cara de fora ou talvez eu esteja muito envolvido com essa garota. Mas ela tem razão, não quero estragar essa noite. Talvez ela seja a única.

Puxo-a para mim mais uma vez, ela se surpreende, mas não se afasta, seguro-a e a beijo novamente, dessa vez com um pouco mais de vontade. Invado sua boca sem reservas e ela geme, quero marcá-la para sempre, quero que ela se lembre de mim quando não estivermos mais juntos, assim como sei que sempre me lembrarei da garota misteriosa que fala sozinha na calada da

noite. Beijo-a como se fosse a última vez, porque dentro de mim algo implora para que eu a leve comigo, assim como eu sinto que estou deixando um pouco de mim com ela.

Capítulo 15

LAURA

A
caixinha de

vida é uma
surpresas.

Pode parecer algo clichê, óbvio demais se você apenas deixar que as palavras sejam ditas, mas se por alguma razão decidir avaliar minuciosamente o significado dessa frase, com certeza vai compreender o motivo. Não há nada que se tenha certeza na vida além de que um dia todos iremos morrer, isso é um fato, porém mesmo assim passamos toda a nossa existência planejando, sonhando, trabalhando duro para chegar a um lugar que nem ao menos saberemos se existe ou não.

Não digo isso porque vou morrer, embora o fato de saber que irei morrer me faça ver com mais clareza a ânsia e desespero pelo qual lutamos pelo desconhecido. Digo isso porque neste momento, enquanto sinto seu corpo próximo do meu e ouço sua voz em meu ouvido repetindo as frases do poema que digo em voz baixa, pela primeira vez, desde que descobri que estou doente, não tenho medo de ouvir meu coração acelerar no peito, porque sei que ao menos dessa vez é pela vida que ele bate descompassado. Neste momento, na calada da noite, no jardim da minha casa, eu não tenho pressa, não quero que os minutos corram, não quero que amanheça, nem mesmo que se complete o minuto seguinte. Quero apenas congelar o tempo e fazer com que esse momento dure para sempre.

Faz quase uma semana desde que nos beijamos naquele estacionamento barulhento, e desde então não nos desgrudamos mais, não que tenhamos planejado, mas parece algo impossível de controlar, estar com ele é tão certo que quando percebo já estou em seus braços novamente.

Essa é a sexta noite que passamos juntos, sei que teremos mais quarenta e uma até que ele vá embora, mas decidimos não pensar nisso, nossa separação se tornou um assunto proibido, ambos concordamos com isso.

*“Segue o teu destino,
Rega as tuas plantas,
Ama as tuas rosas.
O resto é a sombra
De árvores alheias.”*

Termino de ler o poema enquanto sinto todo meu corpo reagir a ele, as palavras repetidas saem emboladas e algumas indecifráveis, mas é lindo, quase um poema à parte que é declamado apenas para mim.

— O que significa? — ele pergunta assim que termino de ler o meu trecho favorito do poema.

— Aproveite a vida. — Me viro para ele e recebo um beijo rápido que faz com que meu coração salte pela boca. — Christopher! — o repreendo.

— Estou apenas te obedecendo. — Ele sorri antes de me beijar mais uma vez, com direito a língua, mãos nos meus cabelos e seu corpo rígido contra o meu.

— Preciso entrar — digo ao me afastar dele, ofegante, excitada e exausta. Odeio esse momento, nunca quero deixá-lo e todas as noites adio o máximo que posso.

— Também preciso, mas não quero — ele diz ainda com suas mãos em meu rosto. — Amanhã viajarei com meus tios. — Ele se levanta, me estendendo a mão. — Vamos conhecer o Rio de Janeiro. — Torço o nariz e ele se diverte. — O que foi? O Rio é tão ruim assim?

— O Rio não. — Levanto-me segurando sua mão.

— O que foi então?

— Só espero que as cariocas não te façam notar o quanto sou sem graça.

Christopher passa a língua nos lábios, ele sempre faz isso quando quer me beijar, me sinto uma idiota porque estou verdadeiramente enciumada, sei que não deveria cultivar nenhum tipo de sentimento por ele, mas às vezes controlar os sentimentos é como tentar conter uma avalanche. Impossível.

— Isso não vai acontecer — ele diz com tamanha convicção que eu me sinto tentada a acreditar. Ele me abraça e envolvo minhas mãos em sua cintura deitando a cabeça em seu peito. — Não há a menor chance, a não ser... — ele deixa a frase no ar.

— A não ser? — Me afasto e pergunto curiosa.

— A não ser que haja uma carioca que declame poemas na calada da noite, então aí você deve se preocupar.

Sorrio e ele se inclina me dando mais um beijo rápido.

— Não se preocupe, baby, em três dias estarei de volta.

Desejo poder dizer a ele que três dias na nossa matemática é pouco menos de dez por cento. Três dias a menos para ficar com ele, três dias em que tanta coisa pode acontecer. Três dias em um punhado de dias contados que não param de escapar dos meus dedos.

— Divirta-se e passe o protetor solar — digo desviando a onda de tristeza que me invade, estico a mão e acaricio seu rosto antes de deixar um beijo carinhoso em sua bochecha.

— Pode deixar, nada de cariocas e muito protetor solar, não vou me esquecer. — Ele bate o dedo na cabeça me provocando. — Boa noite — ele diz em português e eu me derreto pelo seu sotaque.

— Boa noite. — Me afasto segurando meu caderno nas mãos e tentando não me deixar envolver ainda mais por esse garoto. Observo enquanto ele pula o muro que separa minha casa da de Jeremy e só então entro, fazendo o mínimo de barulho possível, já passa das quatro da manhã e sinto que dessa vez exageramos.

Assim que entro na cozinha a luz se acende e encontro meu pai sentado, as mãos cruzadas sobre a mesa e um olhar nada amigável.

— Eu posso saber o que a senhorita fazia fora de casa a essa hora? — ele pergunta sem enrolar. Meu pai sempre foi assim, direto ao ponto e isso eu puxei a ele, odeio rodeios e se algo precisa ser dito que seja logo de uma vez.

— Eu estava sem sono — digo a verdade.

— São quatro horas da manhã, Laura, e você estava lá fora nesse frio?

Só então noto que ele tem razão, minhas mãos estão congeladas e sinto a ponta do meu nariz na mesma condição, mas a verdade é que sempre que estou com Christopher me sinto tão bem que anulo tudo o que me faz mal: dores, medos, dúvidas, sensações.

— Eu não estou com frio. — Abraço meu caderno no peito tentando parecer convincente.

— E isso tem alguma coisa a ver com aquele inglês que está passando um tempo na casa dos Smith?

Abro a boca decidida a mentir, mas antes que eu comece a falar meu pai se levanta e vem até mim, ele toca meu rosto e sei que estou gelada.

— Laura...

— Papai — o interrompo. — Por favor, não me recrimine, não estou fazendo nada errado, apenas gosto da companhia dele.

— Filha, esse rapaz vai embora daqui a algumas semanas — ele começa a falar e já sei onde seu discurso vai terminar.

— Eu também vou, não é, papai? — digo sentindo um nó em minha garganta. — Talvez eu vá antes dele, talvez eu vá essa noite quando dormir, já parou para pensar nisso? Pois eu já, todas as noites quando me deito naquela cama eu penso, será que vou acordar? Será que essa será a minha última noite? — Noto o desconforto nos olhos dele, mas continuo. — Todas as noites eu faço um relatório do que fiz no meu dia, se eu disse que te amo, se abracei a mamãe, se fui boa com as pessoas, todas as noites eu penso se cuidei das minhas rosas, se alguém vai sentir a minha falta além de vocês dois, se é você ou ela que encontrarão meu corpo, se eu darei muito trabalho, se vou fazer vocês chorarem muito. Todas as noites eu me sufoco com tantas perguntas que sou incapaz de responder, então eu preciso sair do meu quarto porque a simples ideia de dormir me apavora e eu venho para cá. Gosto de sentir o vento gelado em meu rosto, gosto de ouvir os grilos cantando, gosto de sentir o cheiro das rosas e gosto de sentir o calor do abraço dele, de ouvir ele falar, da maneira como ele me olha e de saber que ele me trata como uma garota normal e não a pobre Laura que está com os dias contados. E todas as noites quando volto para casa exausta e com frio, me sinto feliz, porque sei que, se essa for a minha última noite, eu fiz tudo o que eu queria. Eu me permiti viver e me orgulho disso.

Meu pai não diz nada, apenas me olha como se tivesse acabado de descobrir que tenho uma anomalia cardíaca, que meus dias estão contados, que posso morrer a qualquer instante e então vejo em seu rosto a mesma desolação que vi no dia em que desmaiei na escola e acordei em um hospital, vejo a dor e o medo em seus olhos e vejo a coisa que mais odeio no mundo. Vejo-o chorar.

— Papai... — O abraço tentando consolá-lo. Eu odeio o fato de que ele está mais magro, cansado e preocupado por minha culpa, odeio o fato de que, embora eu tenha sido um milagre na vida deles por ter nascido quando eles já não tinham mais esperança, hoje sou um fardo, a presença constante da dor e da morte, e sinto ainda mais porque não estarei aqui para cuidar deles quando eles mesmos não puderem mais.

— Eu te amo, minha filha — ele diz enquanto beija meus cabelos. — Eu só quero o melhor para você.

— Então, por favor, não me impeça de viver — digo com meus braços em volta do seu corpo. — Não me peça para deixar de vê-lo, porque eu não vou, papai, enquanto ele quiser me ver, eu o verei.

— Eu me preocupo com o que acontecerá quando ele for embora, filha.

— Eu continuarei fazendo a mesma coisa, porque não é só por ele que faço, papai, é por mim.

— Se esse garoto quebrar seu coração, eu juro que quebro a cara dele.

— Talvez seja eu quem vá quebrar seu coração, papai. — Sinto um nó na garganta ao imaginar Christopher magoado por algum motivo.

— Então faça um favor ao seu pai — ele me pede enquanto seca as lágrimas que molham seu rosto marcado. — Não fiquem lá fora no frio. Traga-o aqui para dentro.

Estico-me nos pés e beijo seu rosto antes de abraçá-lo.

— Obrigada, papai, por me compreender e não me julgar. Eu te amo.

— Se é isso que vai te fazer bem, quem sou eu para impedi-la de viver? — Ele acaricia meus cabelos da mesma forma que fazia quando eu era uma menininha. — Só não me peça para não me preocupar com você. Essa é a minha missão na vida.

Capítulo 16

LAURA



Estamos sentados sobre o tapete na sala em meio a um mar de fotos tiradas com a Polaroid dele. Christopher me relata cada segundo do tempo em que ficaram no Rio, não foram só três dias, no fim das contas se passaram sete até que eles voltassem. Senti tanto a sua falta que estou apavorada só de imaginar como será quando ele for embora definitivamente. Tento não pensar nisso, mas hoje estou particularmente sensível.

Christopher está ainda mais bonito, os cabelos mais claros e a pele dourada do sol, ainda posso sentir o cheiro do protetor solar impregnado em sua pele e o sabor do sal em seus lábios. O beijo o tempo todo e nunca parece ser o suficiente, ele também sentiu minha falta e embora tudo pareça estar correndo rápido demais, pressinto que mesmo que eu o conhecesse em outro momento seria exatamente assim que eu me sentiria.

— Essa tirei pensando em você. — Ele me estende uma das mais bonitas, um pôr do sol ao pé de uma montanha, com o mar ao fundo.

— É linda, Chris, mas por que essa é para mim? — pergunto impressionada com a sua habilidade para tirar fotos, eu nunca as tiro e quando me aventuro, perco metade do filme com fotos onde as cabeças saem cortadas.

— Porque você é como o pôr do sol: bela, enigmática e poética.

Seguro a fotografia alguns instantes e quando a coloco de volta no lugar noto que embora seja a mais simples de todas, ela é a que chama mais atenção. Talvez pela beleza e simplicidade ou pela intensidade das cores.

Christopher segura minha mão puxando-me para mais perto, sento-me entre suas pernas e acaricio seus cabelos colocando a mecha rebelde atrás de sua orelha.

— Senti tanto a sua falta — ele diz inclinando a cabeça em minhas mãos.

— Eu também — admito sentindo uma tristeza absurda por saber que essa é a mais absoluta verdade.

— Eu estive pensando enquanto estava no Rio...

— Christopher — o interrompo antes que ele fale algo que não quero ouvir, mas ele continua.

— Em dezembro terei um recesso de fim de ano, eu posso voltar, serão apenas alguns dias, mas é melhor do que esperar um ano inteiro, não acha?

— Esperar um ano para o quê? — Me afasto para poder olhar em seu rosto.

— Como assim? — ele pergunta como se a resposta fosse óbvia. — Para nos ver, Laura.

— Christopher... — Baixo o olhar encarando a foto do pôr do sol, triste por saber que sou muito mais parecida com um cometa, uma bola de fogo que passa pela Terra e que só algumas pessoas podem notar, ou um eclipse lunar em uma noite de frio, embora ele aconteça, ninguém o nota. — Eu não quero falar sobre o futuro, por favor.

— Por quê? — Ele parece ofendido e se afasta apoiando as costas no sofá.

— Porque ele é incerto demais, vamos viver o que temos agora, deixe o futuro ser o que tiver de ser — digo, minha voz soando um pouco chorosa.

— Não posso — ele diz balançando a cabeça. — Eu quero falar do futuro, porque eu preciso saber que isso aqui não vai acabar quando eu entrar naquele avião.

— Christopher, pare! — falo um pouco alto demais e ele se assusta. — Eu não quero falar sobre algo que não tenho controle, eu não posso falar sobre o que não sei.

— Tem certeza? Ou você está apenas me dizendo que não haverá futuro para nós dois? — ele diz e me sinto pressionada, levanto-me e começo a andar pela sala, meu corpo treme e meu coração acelera no peito. — É isso, Laura? — Ele continua sentado, me olhando com uma expressão que faz meu coração se partir. — Porque se for acho melhor você ser um pouco mais clara comigo, eu não estou conseguindo te compreender.

Fecho meus olhos pensando se devo ou não dizer a ele o motivo, se eu contar eu estarei estragando o que tivemos porque ele vai ter pena de mim, então vai querer ficar porque não se abandona uma garota nessas condições, porém se eu não contar... estarei enganando-o, mesmo que seja por pouco tempo. Mas quem disse que a verdade é sempre o melhor caminho deve ser um maldito filho da mãe que nunca teve seus dias colocados em uma ampulheta, porque senão ele saberia que a verdade às vezes é uma droga, uma grande droga capaz de estragar uma linda história. Abro os olhos e o encaro sabendo que vou me arrepender do que estou prestes a fazer,

mas talvez seja melhor, estou indo por um caminho que não é saudável para mim e principalmente para ele.

— É isso. Não há futuro para nós dois, Christopher, e se você está se envolvendo tanto assim a ponto de fazer planos para um futuro que não existe, então acho melhor a gente parar por aqui — as palavras rasgam minha garganta e quando termino de falar sinto um silêncio absurdo dentro do meu peito.

Ele permanece parado no mesmo lugar, imóvel, apenas me olhando como se eu tivesse acabado de falar em português e ele não houvesse compreendido uma só palavra. Minhas pernas fraquejam, minha voz desaparece, meu coração dói tanto que preciso me apoiar na parede para não despencar na sua frente.

— Tudo bem. — Sua voz sai baixa e magoada e desvio o olhar enquanto ele recolhe as fotos do chão. — Se você pensa assim, eu respeito.

— Não aja como se não soubesse do que estou falando, eu disse no dia em que nos beijamos, eu falei que vou embora. — *Que vou morrer*, penso, mas não tenho coragem de contar e desejo que ele possa compreender o que estou falando.

— Mas agora é diferente. — Sua voz soa triste e me odeio por estar estragando o tempo que temos juntos com brigas que não nos levarão a lugar algum.

— O que é diferente? — pergunto sem querer ouvir a resposta.

Christopher recolhe a camisa de flanela que estava usando na noite em que nos beijamos pela primeira vez de cima do sofá, ele a veste e embora esteja muito frio lá fora ela é a única coisa que o protege. Continuo parada no mesmo lugar, os braços cruzados em cima do peito, os lábios apertados como se tentasse segurar as três palavras que gostaria de dizer enquanto o observo ir embora da minha vida.

— Deixa pra lá. — Ele sai batendo a porta e me deixando sozinha na sala.

Olho para o chão e noto que ele deixou a foto do pôr do sol para trás, eu deveria me sentir aliviada, mas na verdade sinto como se estivesse à beira de um precipício tão fundo que tenho a sensação de que se eu começar a cair não vou parar nunca mais.

Capítulo 17

CHRISTOPHER



Sigo o conselho dos meus tios e reservo as minhas últimas semanas no Brasil para conhecê-lo um pouco melhor: São Paulo e sua agitada vida noturna; Curitiba e seu clima que tanto me fez lembrar de casa; Bahia e sua alegria. Jeremy sempre está com uma novidade, uma festa nova, garotas para conhecer, lugares para ir e mesmo depois de duas semanas agitadas, mesmo indo a cada maldito lugar que Jeremy propõe apenas para manter a minha cabeça ocupada, no fim do dia, quando estou exausto e quase desmaiando, todas às vezes em que deito, meu último pensamento é nela.

Será que ela está lá fora recitando seus poemas? Será que ela está com frio? Será que ela está lendo para alguém?

Tento afastar esses pensamentos da minha cabeça, mas a cada dia eles se tornam mais fortes e resistentes. No final da terceira semana voltamos para a casa dos meus tios, Jeremy retorna às aulas no dia seguinte e eu preciso começar a preparar minhas coisas, pois partirei em quatro dias.

Evito entrar no quarto durante todo o tempo, não saio no quintal e não olho para sua janela, não quero vê-la porque não sei como agirei. Sei que o que sinto por ela não é amor, nem perto disso, ao menos é o que digo para mim mesmo todos os dias, mas ela mexe comigo de um jeito que ninguém nunca mexeu e isso me assusta.

Permaneço o dia todo ansioso, mas bastou anoitecer para que eu começasse a rolar na cama de um lado para o outro até que ouço o barulho da porta da sua casa sendo aberta e meu coração idiota acelera no peito. Levanto antes mesmo que eu possa pensar e sigo até a sacada.

É apenas uma última olhada, uma despedida. É o que digo a mim mesmo.

Chego a sacada e a vejo, os cabelos soltos ao vento, envolta em um roupão grande demais para ela, encolhida no seu banco, o caderno aberto no colo.

Observo-a por muito tempo, ouço sua voz baixa enquanto ela lê para as rosas, tento fixar a imagem da garota que mexeu comigo em alguns dias muito mais do que qualquer outra e sinto uma sensação estranha no peito. Saio do quarto correndo, no meio do caminho coloco uma blusa e desço as escadas indo em direção ao quintal dos fundos. Pulo o muro com a facilidade de quem já se acostumou a fazer isso e quando chego perto sei que não posso ir embora sem falar com ela.

— Laura — eu a chamo e quando ela se vira para mim sinto meu coração se quebrar dentro do peito. Ela está chorando.

Capítulo 18

LAURA



Está muito frio essa noite, talvez o universo esteja se sentindo assim como eu, gelada, sem o calor que nos torna humanos, estou fria e sei que serei assim daqui para a frente.

Envolvo meu corpo no roupão que era do meu pai e vou para o meu refúgio particular, sento-me no banco e não perco meu tempo olhando para a janela, ele voltou, eu sei, ouvi sua voz outro dia e, embora não o tenha visto, sei que ele deve estar se preparando para voltar para a casa, para a sua chuvosa Londres, para uma vida bonita e cheia de expectativas, uma vida correta para um jovem como ele.

Ensaiei diversas vezes ir até lá e falar com ele, mas desisti, ele faria perguntas que não tenho intenção de responder, eu o machucaria ainda mais e no fim, seríamos apenas duas pessoas magoadas por algo que não tem solução. É melhor assim, sem despedidas dolorosas, sem promessas que não serão cumpridas, sem expectativas.

Meu pai tinha razão, meu coração está quebrado, mas não é por causa dele, Christopher foi um breve momento de alegria. Meu coração está assim porque eu tive medo de aceitar o que ele tinha para me dar, de permitir-me se entregar, tive medo de não suportar perdê-lo. Como fui ingênua... eu não sabia que o coração é um órgão com decisão própria, ele não segue regras e não obedece a comandos, quando decide se entregar a alguém é algo que ele faz sem precisar de permissão.

E foi isso que meu coração defeituoso fez, ele se entregou inteiramente para ele, mesmo que eu tenha o proibido. Maldito coração rebelde.

— Laura... — ouço meu nome em um português enrolado e me viro encontrando Christopher parado na minha frente.

— Christopher. — Desvio o olhar para que ele não possa ver minhas lágrimas, mas é tarde demais, elas molham meu rosto e tudo o que posso fazer é secá-las. Levanto-me do banco e vou até ele.

— Como você está? — ele pergunta analisando-me.

— Estou bem — minto tentando parecer feliz e sorrio.

— Tem certeza?

Não.

— Sim.

Cruzo os braços me protegendo do frio que invade meu peito e que nada tem a ver com a temperatura, mas com o fato de que esse rapaz parado na minha frente vem se tornando cada dia mais importante para mim.

— Eu... ah... eu vim me despedir. — Ele coça a cabeça causando uma desordem em seus cabelos.

— Quando você vai embora? — Engulo o nó que se forma em minha garganta ao imaginar que dentro de alguns dias ele deixará a minha vida para sempre e eu nunca mais ouvirei seu sotaque bonito, nunca mais serei chamada pelo nome como ele faz toda vez que me beija e nunca mais me sentirei aquecida.

— Daqui a quatro dias — ele responde e posso sentir a tristeza na sua voz.

Balanço a cabeça e desvio o olhar para minha roseira, relembro o conto que meu avô sempre me lia antes de dormir e sinto uma falta imensa dele. Com certeza ele saberia a coisa certa a me dizer agora. Ele me ajudaria a colar os cacos que sobrarão quando Christopher se for.

— Obrigada por ter vindo se despedir.

Ele se aproxima, seus braços longos se estendem a minha volta e antes que eu consiga pensar estou envolta no calor do seu corpo novamente e por mais que tenha se passado quase um mês desde que ele me abraçou pela última vez sinto como se ele nunca houvesse partido.

— Senti sua falta — ele diz, atrapalhando-se com as palavras, enrolando-se na língua, ele fala em português e sei que ele as decorou para mim, para esse momento. — Senti tanto a sua falta, Laura — ele continua falando e a cada palavra dita sinto o abismo em meu peito crescer.

— Também senti a sua — admito porque não consigo mentir assim tão perto dele. Sentindo seu cheiro, ouvindo sua voz.

— Eu tentei não pensar em você, mas quanto mais eu tentava, mais eu falhava, eu pensei em você todos os dias e mesmo sabendo que não teremos futuro, eu não me perdoaria se não

tentasse mais uma vez, porque, por mais absurdo que possa parecer, eu acho que me apaixonei por você.

Escondo meu rosto em seu casaco, inalo seu cheiro e desejo gravar tudo o que acabo de ouvir porque sei que são as palavras mais lindas e mais sinceras que ouvirei em toda a minha vida.

— Laura... — ele me chama soltando-me, mas eu o aperto ainda mais como se pudesse me fundir a ele. — Laura... — Ele me segura pelos braços afastando-me e olhando em meus olhos.

Observo seu rosto assustado e uma onda de raiva me invade. Desde que descobri tudo só tive um acesso de fúria e foi quando o médico me deu meu diagnóstico, mas eu me acostumei, aprendi que nem tudo está sob nosso comando, que todos teremos o nosso tempo e que nem todos envelhecem, eu aceitei o que me foi imposto, mas neste momento enquanto as palavras dele continuam se repetindo em minha cabeça, enquanto meu coração bate descompassado, e sinto meu corpo finalmente aquecer apenas por estar ao seu lado, eu me revolto com minha sentença.

Eu queria mais, mais tempo para viver, queria me tornar uma mulher, queria poder ter um futuro no qual pensar, queria poder amá-lo, queria poder dizer a ele que teremos inúmeros dias para podermos ficar juntos, queria planejar minha viagem para a Inglaterra, queria dormir em seus braços, apresentá-lo aos meus pais como algo a mais do que apenas uma aventura passageira de uma garota à beira da morte.

Eu queria tantas coisas... coisas simples, mas que meu destino as tornou impossíveis. E enquanto ele me olha com seus lindos e doces olhos verdes, aguardando até que eu diga algo que o faça compreender o motivo para que eu o afaste de mim, tudo o que consigo fazer é respirar fundo ignorando a vontade de gritar que estou sentindo e dizer:

— Eu sinto muito.

Christopher parece em choque, ele sorri, desvia o olhar, encara a noite estrelada, passa a mão pelo rosto e volta a me olhar.

— Você sente muito? — ele pergunta com o sotaque inglês forte de quando ele fica agitado. — É só isso?

— Christopher...

— É a primeira vez que digo isso a uma garota e tudo o que você tem a me dizer é que sente muito? Eu juro que achei que merecia algo mais do que isso.

— Christopher...

Ele estende a mão me impedindo de continuar e me odeio ainda mais por vê-lo tão magoado.

— Pelo amor de Deus, não diga que sente muito, isso é ofensivo.

Ele dá um passo para trás deixando uma distância entre nós, o frio volta a me atingir e me abraço fechando ainda mais o roupão.

— Eu não posso responder o que você quer ouvir. — Meu corpo todo treme, não sei mais se é de frio ou tristeza, mas não consigo mais controlar.

Ele afasta os longos fios loiros do rosto empurrando-os para trás e me olha por um instante.

— Então acho que nos despedimos aqui.

Eu tento me aproximar, mas ele ergue a mão impedindo-me de tocá-lo e nega com a cabeça, observo enquanto ele se afasta e sinto meu coração implorando para fazer algo que prometi a mim mesma que não faria. Tenho certeza de que tudo mudará depois disso, mas não me importo mais, estou prestes a perder o único garoto por quem me importei na vida e não posso morrer com a sensação de que o enganei.

— Christopher — chamo seu nome e ele para de andar.

— Não, Laura, eu preciso ir — ele diz ainda de costas para mim, respirando fundo, e começo a falar antes que eu perca a coragem.

— Você quer saber por que passo minhas noites aqui?

Capítulo 19

CHRISTOPHER

Me
idiota por
coração
mas foi
do que eu,
planejei
pretendia
despedir,

sinto um
abrir meu
para ela,
mais forte
não
nada, eu
apenas me
mas no

momento em que a tive em meus braços, que senti seu abraço frágil, uma parte minha acreditou que se ela soubesse talvez teríamos uma chance.

E então eu falei.

Mas ela não voltou atrás, e agora estou decidido a colocar uma pedra em cima desse assunto, chego ao muro que divide nossas casas quando ela me chama, fecho os olhos porque adoro o som da sua voz, e me odeio por adorar algo nela.

— Você quer saber por que passo minhas noites aqui? — ela pergunta e desejo não saber. O que ganharei com isso? Ela não me quer e deixou isso bem claro minutos atrás quando disse sentir muito. Mas não consigo seguir adiante e paro estagnado na frente do muro esperando que ela continue. — Eu não consigo dormir. Eu simplesmente não consigo, e todas as noites eu me sento aqui neste banco e faço o que mais amo porque é a única coisa capaz de combater o monstro que vive aqui dentro da minha mente, eu não consigo dormir porque o medo me sufoca e mesmo sabendo que tudo vai ficar bem, porque eu sei que vai, eu não consigo evitar os pesadelos. Eu fico aqui até a exaustão, e quando sei que estou tão cansada que não terei tempo de sentir medo eu entro e então o meu corpo se entrega ao sono. E é assim há quase um ano, e então eu te conheci e adoraria dizer que tudo melhorou, que ficar em seus braços, beijar você, ouvir sua voz são suficientes para destruir o monstro que me assombra, mas não é. Ao contrário, desde que te conheci, meus pesadelos só aumentaram. E nesse momento eu estou apavorada, como nunca imaginei que poderia ficar.

Ainda estou de costas para ela, enquanto ouço tudo o que ela diz, tento compreender o que significa isso porque deve haver algo que eu não esteja compreendendo, talvez seu inglês tenha sido afetado pelo seu nervoso, porque eu não consigo compreender o porquê afinal eu sou seu pesadelo.

Viro-me para encontrá-la no meio do jardim, sua figura pequena envolvida naquele roupão enorme, o rosto pálido, os lábios arroxeados, o corpo trêmulo.

— Eu tentei não sentir sua falta, mesmo sabendo que você iria embora eu tentei viver o nosso momento e aproveitá-lo da melhor maneira, mas então você começou a fazer planos para um futuro que não existe e eu...

— Por que não existe? Por que você insiste em dizer que não teremos um futuro como se fôssemos morrer.

Ela ergue os olhos assustada, a boca se abre em espanto e então eu compreendo tudo.

— Eu já sei — digo sentindo meu coração disparar no peito. — Deus... claro! Como pude ser tão estúpido?

— O quê? — ela pergunta ainda com a expressão assustada, me aproximo dela agora sem conseguir esconder a alegria. — Você já sabe? — ela pergunta ainda apavorada e eu a abraço.

— Você tem medo de que alguma coisa aconteça comigo, que eu não volte...

— Christopher...

— Eu sei, baby, é difícil, temos um oceano separando-nos, mas isso não significa nada.
— Seguro suas mãos, elas estão tão geladas que as trago para meus lábios tentando aquecê-las.
— Não se preocupe com isso, nada vai nos separar, eu juro.

Laura aperta os lábios como se tentasse evitar que as palavras escapassem, ela balança a cabeça enquanto me olha. Seus olhos grandes e expressivos dizem tanto, sempre que me olha dessa forma sinto como se ela fosse capaz de ler meu coração, minha alma e até mesmo meus mais sombrios pensamentos.

Ergo a mão e acaricio seu rosto, ela continua quieta apenas me olhando.

— Jesus Cristo! Você está tão gelada. — Puxo-a para mim esfregando suas costas para aquecê-la. — Como vai ser quando você for para Londres? Vou precisar te enrolar em um cobertor antes de sair de casa? — Ela volta a me abraçar e então percebo que estou perdido, o toque de suas mãos em mim, mesmo por cima da roupa, me faz sentir vivo, renovado, cheio de esperanças e sonhos, cheio de amor, e a rapidez com que isso acontece me assusta de uma forma que eu não consigo nem ao menos pensar.

Capítulo 20

LAURA

Eu
contado,
momento
acreditei
havia

deveria ter
por um
eu
que ele

compreendido, vi a tristeza estampada em seu rosto e, em seguida, vi a esperança...

Eu deveria ter contado, mas não contei, não fui capaz de tirar aquele lindo sorriso dos seus lábios, não consegui dizer a esse lindo rapaz o motivo para que não possamos ficar juntos e agora, enquanto ele me beija, enquanto suas mãos estão em torno de mim, enquanto sinto que posso flutuar, não tenho mais coragem.

Quatro dias!

E então tudo se acabará, como no badalar da meia-noite, tudo voltará ao normal, triste, frio e vazio. Em quatro dias voltarei a terra, mas agora estou no céu e lá quero ficar, junto a ele.

— Não tenha medo, baby — ele diz carinhoso. — Eu estou aqui, nada de ruim vai me acontecer, eu prometo.

— Você é um cara que cumpre suas promessas?

— Sim, sempre.

— Então eu confio em você.

Christopher deposita um beijo carinhoso em meus cabelos e volta a me abraçar.

— Agora entra, você precisa se esquentar antes que fique doente.

Sorrio internamente com a ironia da vida, pobre Christopher... mal sabe ele que eu já estou doente.

— Não quero entrar agora — digo erguendo-me para beijá-lo. — Você me esquenta.

Ele sorri, molha os lábios e se afasta enroscando as mãos nos cabelos rebeldes.

— Preciso dormir, estou muito cansado e só ficarei tranquilo se você estiver na cama. Por favor.

Derrotada, aceito sua sugestão, não o quero prejudicar mais do que faço, nos despedimos com mais um beijo e entro deixando-o no meu quintal.

Demoro um pouco para subir, ainda estou agitada e embora um pouco mais aquecida, ainda sinto meu corpo se arrepiar a cada instante, sei que hoje será uma noite em que não dormirei. Vou até a cozinha e bebo um copo de leite com mel, vou até a sala, ligo a TV e não consigo me prender a nada que esteja passando a essa hora, decido ir finalmente para o meu quarto, talvez se eu deitar descubra que estou mais cansada do que imagino.

Passo pelo quarto dos meus pais e posso ouvir o ronco do meu pai, toco a porta com a ponta dos meus dedos agradecendo a vida deles e a oportunidade de ser sua filha, abro a porta do meu quarto, o lugar que mais amei na vida, minha identidade, meu espaço, meu refúgio e me entristeço com o quanto eu não o suporto mais, cada dia que passa eu me sinto menos confortável dentro dele, as paredes rosa me sufocam, os enfeites nas prateleiras me entristecem, minha cama se tornou meu maior pesadelo e todos os dias eu evito ao máximo me deitar nela. Hoje não será diferente.

Fecho a porta e me preparo para mais uma noite, fecho meus olhos e relembro o último beijo que dei em Christopher e sem que eu perceba estou sorrindo, me apoio na porta ainda de olhos fechados, relembro cada pedacinho dele, seus cabelos longos e rebeldes, seus olhos absurdamente verdes, sua boca, a maneira como ela fica ainda mais bonita quando diz meu nome, suas mãos quentes que sempre me envolvem e me aquecem, sua doçura e a maneira como ele se entrega com facilidade aos sentimentos.

Ele disse que se apaixonou por mim...

Um frio percorre minha espinha ao imaginar que estou enganando um rapaz que está nutrindo sentimentos por mim, me sinto mal e sei que ele será meu último pensamento sempre.

Vou para a minha cama e me deito, envolvida no roupão pesado que meu pai me deu, ele ainda tem o cheiro confortante do meu pai, mas hoje há um outro perfume que se sobressai: o de Christopher. Aproximo o tecido do meu rosto e fecho meus olhos deixando que os sonhos que nunca se realizarão se formem em minha mente.

Ouçó um barulho leve, quase imperceptível, e abro os olhos assustada, o vejo sentado à minha frente, seu corpo grande encolhido na minha antiga poltrona florida.

— Christopher... — sussurro imaginando que seja apenas uma ilusão.

— Shhh... — Ele coloca um dedo na frente da boca me pedindo silêncio.

— O que você está fazendo aqui?

— Vim proteger seu sono — ele diz baixinho, com sua voz grave soando mais séria do que já ouvi. — Enquanto eu estiver aqui, nenhum fantasma vai te incomodar.

Estendo minha mão sem me importar de ter um rapaz dentro do meu quarto.

— Se quer me proteger, então me abrace.

Ele se levanta e dentro do meu quarto quase infantil ele parece ainda maior, mais bonito e imponente, ele vem até minha cama, se aproxima e se abaixa na minha frente segurando meu rosto em suas mãos.

— Eu não vim aqui para isso, baby, eu vim aqui para velar seu sono, quero que se sinta bem e quero que durma. — Ele se inclina e beija minha testa. — Não vou desrespeitá-la, apenas quero cuidar de você.

Me movo na minha pequena cama de solteira e afasto o edredom.

— Então me abrace — peço novamente.

Christopher permanece no mesmo lugar como se estivesse decidindo se deve ou não me obedecer.

— Por favor. — Estendo a mão mais uma vez e ele finalmente a aceita deitando-se do meu lado e estendendo os braços para me acolher junto a ele. Acomodo-me em seus braços, ele me puxa para mais perto e lamento estar usando o roupão, pois quase não consigo senti-lo. Ele deita minha cabeça em seu peito e acaricia minhas costas e então eu o ouço cantar. Não reconheço a canção, é infantil e imagino que seja alguma canção de ninar, ele a repete enquanto me embala como se eu fosse uma criancinha e milagrosamente sinto meu corpo relaxar, o frio se dissipar, o medo fugir até que tudo o que sobra é ele, seu corpo, seu cheiro, sua voz, seu calor...

— Desculpe-me, Chris... — sussurro de olhos fechados, como uma oração, e repito uma e outra vez até que as lágrimas estão escorrendo novamente. — Eu sinto tanto... — falo tão baixinho que tenho a sensação de que ele não me ouviu.

— Não se preocupe, vai ficar tudo bem, eu prometo.

E foi nos braços de um rapaz que atravessou um oceano para me abraçar que dormi. Depois de quase um ano eu sonhei, e dessa vez não havia caixões e nem lágrimas, apenas seu sorriso iluminando tudo à sua volta enquanto ele dizia que me amava. E eu o amava também.

Capítulo 21

LAURA

O
pássaros
desperta de
tranquilo,
pouco para
de tudo e
imagem de

canto dos
me
um sono
demoro um
me lembrar
quando a

Christopher invade minha mente abro os olhos assustada, mas ele não está mais aqui. Olho para a poltrona, para a janela e sorrio.

Será que foi apenas um sonho?

Volto a me deitar e noto que há algo ao meu lado, sua camiseta cinza, recolho-a e seguro-a junto ao meu rosto, inalo seu cheiro e volto a sorrir. Não, não foi um sonho, foi real, foi lindo.

Levanto-me tão disposta como há tempos não me sentia, ainda é cedo embora eu sinta como se tivesse dormido um dia inteiro, tomo um banho e desço encontrando meus pais ainda na mesa do café.

— Bom dia! — cumprimento os dois inclinando-me para beijar cada um deles.

— Dormiu bem, filha? — minha mãe pergunta surpresa com meu humor.

— Nunca dormi melhor, mamãe.

Sento-me e deixo que ela faça meu café. Depois como tudo, pois estou faminta. Ouço meu pai contar as notícias do jornal que está lendo e sinto como se tudo tivesse voltado ao normal, como se eu fosse apenas uma jovem estudante de férias, curtindo seus dias de preguiça, tomando café da manhã e se permitindo ser mimada pelos pais.

A campainha toca chamando a atenção do meu pai que se levanta para atender. Ouço sua voz e meu coração dispara no peito.

— Bom dia, senhor — ele diz em português. E não consigo mais comer. — Podemos conversar um instante?

Minha mãe me olha como se não conseguisse compreender o que ele diz e sorrio para ela, um sorriso que vem do coração, um sorriso falho, mas sincero e cheio de esperanças.

Não ouço a voz do meu pai, mas ouço a porta ser fechada e permaneço no mesmo lugar, o sorriso cravado em meus lábios enquanto me estico um pouco e vejo Christopher parado no meio da minha sala. Ele está usando camisa e seus cabelos estão domados em um rabo de cavalo baixo. Aperto meus lábios para conter a surpresa.

— Pois não, rapaz? — meu pai diz em português e sinto em sua voz que ele não vai facilitar as coisas para o Christopher.

— Me desculpe, mas eu não sei muito da sua língua — ele diz ainda em português. — Posso falar em inglês?

— Eu deveria mandar você voltar para a sua casa, mas sei que não vai adiantar, então fale logo o que você veio dizer e sem enrolação, por favor.

Christopher se mantém de pé enquanto meu pai se senta na sua poltrona e o olha como se fosse seu carrasco. Ameaço me levantar, mas minha mãe me impede mantendo-me sentada.

— Como o senhor sabe, não sou brasileiro e vim para cá conhecer meus parentes e seu país, mas um imprevisto aconteceu.

— Um imprevisto? — meu pai o corta.

— Sim, um imprevisto — ele repete. — Eu não tinha ideia que logo na primeira noite eu conheceria sua filha, não tinha ideia de que alguém no mundo poderia ter a voz tão bonita quanto a dela e eu nunca acreditei que alguém pudesse se apaixonar apenas ao ouvir a voz de outra pessoa. Mas eu me apaixonei, antes mesmo de ver seu rosto e de saber o quanto ela era linda e doce, antes até de compreender o que ela dizia, eu me apaixonei por ela e achei que fosse uma paixão boba que a distância poderia apagar. Mas não é.

— E como você pode saber disso, rapaz? — Meu pai se inclina para frente apontando para o sofá, Christopher se senta e esfrega as mãos na calça nitidamente nervoso.

— Porque eu mal me afastei dela e já não consigo pensar direito. Porque só um cara verdadeiramente apaixonado se propõe a ter esse tipo de conversa com o pai de uma garota e, acima de tudo, só um cara apaixonado passa a noite em claro estudando o dicionário português para poder ter essa conversa... — Ele olha para o relógio no pulso. — às sete e quarenta e cinco da manhã e mesmo assim se sentir o cara mais feliz do mundo.

O sorriso se espalha por meu rosto, enquanto minha mãe segura minha mão apertando-a, estou prestes a levantar e correr a seu encontro quando meu pai me chama:

— Laura.

Levanto rapidamente e tento caminhar devagar até a sala, Christopher se levanta ao me ver e sorri para mim, vou até ele e ergo-me na ponta dos pés beijando-o rapidamente, ele olha para mim e para o meu pai enrubescido.

— Bom dia — digo a ele ignorando a presença do meu pai.

— Bom dia, você dormiu bem? — ele pergunta.

— Como há muito tempo eu não dormia.

Meu pai pigarreia e olhamos para ele.

— Laura, o que você tem a dizer para esse rapaz? — meu pai me pergunta, ignorando o fato de estarmos de mãos dadas. Sei o que ele quer dizer, posso ler em seus olhos que está se referindo a minha condição. Sorrio para o meu pai e olho para Christopher, noto que ele respira com dificuldade, sua mão sempre tão quente está fria e suada e ele está se esforçando para parecer calmo, mas não está.

— Christopher — chamo-o e ele me olha imediatamente. — Eu aceito o que a vida tem para mim, e se isso significa ser merecedora do seu coração, então eu estou bem com isso.

Olho para o meu pai que aperta a base do nariz e fecha os olhos, sei que ele compreendeu minhas palavras exatamente como eu desejo que ele compreenda e sei que não será capaz de me dizer não, porque ele nunca fez isso.

— Você tem certeza de que está pronta para isso, Laura? — ele pergunta olhando apenas para mim.

— Tenho a mais absoluta certeza, pai.

Ele se levanta, respira fundo e, como se estivesse travando uma batalha interna, ele estende a mão para Christopher.

— Você é bem-vindo na minha casa, rapaz. — Ele aperta a mão de Chris com uma força maior que a necessária.

— Obrigado, senhor — ele diz em um português enrolado e bonitinho.

— Cuide bem da minha menina — meu pai fala ainda segurando sua mão.

— Sim, senhor — Christopher responde como se estivesse se alistando no exército e sorrio sentindo meu coração explodir de tanta alegria.

Capítulo 22

LAURA

—
o que
falo
meu
roupa e
desespero
Eu não
decente

Eu não sei
vestir —
revirando
guarda-
sentindo o
bater. —
tenho nada
aqui.

— Laura, fique calma, minha filha! — Minha à minha custa. Olho para ela e confirmo minha teoria, ela realmente está se divertindo.

— Como vou me acalmar se não tenho nada para vestir e o Christopher vai chegar a qualquer momento.

— Você está exagerando, qualquer coisa que vestir vai ficar lindo em você.

No final visto um vestido branco que só usei uma única vez e me surpreendo quando noto que ele está mais folgado, mesmo tendo passado quase um ano desde que o usei pela última vez. Uma tristeza ameaça me invadir, mas a afasto rapidamente e com a ajuda da minha mãe fico pronta dois minutos antes da campainha tocar.

Desço correndo para atender a porta e não consigo esconder o sorriso ao ver Christopher parado na minha frente usando jeans e camiseta e com os cabelos rebeldes do jeito que eu gosto.

— Oi.

— Olá.

— Já se livrou do kit para falar com o pai da garota? — provoco-o.

— Era novo, nunca havia usado antes, confesso que me senti meio desconfortável nele.
— Christopher olha sobre meu ombro para dentro da minha casa antes de me puxar para um beijo. — Está linda! — ele diz ainda com seus lábios próximos aos meus.

— Eu me esforcei bastante — digo segurando uma mecha de cabelos dele em meus dedos.

— Podemos ir? — ele pergunta e confirmo com a cabeça. Me despeço dos meus pais e saio de mãos dadas com Christopher, que me leva para o carro do seu tio.

— Para onde vamos?

— É uma surpresa.

Christopher dirige devagar, ele me explica que um dia irá me provar que é um excelente motorista, mas isso quando estivermos do lado correto da pista, provoco-o e damos boas risadas. Está frio, porém o sol está de volta depois de quase uma semana de descanso e estou feliz por isso, pois quero aproveitar o dia ao lado dele e nada melhor do que um belo dia ensolarado para um garoto que está acostumado a garoa constante.

Christopher segura um papel enquanto dirige e logo chegamos a um lugar que não conheço, embora viva aqui a minha vida inteira.

— Surpresa? — ele me pergunta orgulhoso.

— Muito! — respondo enquanto ele estaciona o carro e desliga guardando o papel no bolso de trás da calça jeans.

— Hoje de manhã perguntei ao meu tio qual o lugar mais bonito que eu poderia levar alguém especial, ele me contou que foi aqui que minha tia disse sim para ele, que foi o dia mais feliz da sua vida e que eu não encontraria um lugar mais bonito e especial. — Christopher segura minhas mãos e sorri. — Eu não pretendo pedir você em casamento.

— Ah, obrigada por me avisar — digo e ele ri nitidamente nervoso.

— Eu só queria um lugar especial para poder ouvir você ler para mim.

— Eu adoraria conhecer melhor esse lugar.

Christopher me ajuda a descer do carro e pega uma mochila do banco de trás, ele segura minha mão enquanto caminhamos pelo lugar, até que chegamos a uma árvore grande e florida.

— Ele disse que antigamente os casais marcavam suas iniciais aqui nesta árvore. — Christopher passa a ponta dos dedos pelo tronco contornando algumas letras. — Foi aqui que ele a pediu em casamento.

— É um lugar lindo! — digo enquanto olho em volta admirada. — Como que eu não conhecia esse lugar? — me pergunto enquanto olho em volta. A grande extensão de grama verde parece um tapete macio, o cheiro úmido de terra e o calor do sol transmitem uma sensação de paz.

— Talvez porque eu ainda não havia chegado para te trazer até aqui — ele diz antes de me beijar.

Christopher abre a mochila e tira um cobertor de dentro, ele estende na grama e me estende a mão, sento-me no meio de suas pernas e ele tira outro cobertor cobrindo-nos com ele, deito minha cabeça em seu peito e fecho meus olhos absorvendo tudo o que estou sentindo nesse momento, ele acaricia minhas mãos enquanto beija a curva do meu pescoço e sorrio porque nunca me senti mais feliz no mundo.

— Está com fome? — ele pergunta baixinho antes de beijar meu pescoço.

— Não — digo ainda de olhos fechados.

— A resposta certa era sim — ele diz e me viro para olhar para ele, a luz do dia seus olhos parecem ainda mais claros, um verde tranquilo que me transmite paz.

— Por quê?

Christopher puxa a mochila para mais perto e retira diversos potes de dentro.

— Porque eu me preparei para isso. — Ele abre os potes e me afasto para poder ver o que tem: frutas, sanduíches e doces estão espalhados a nossa volta e olho surpresa para ele.

— Você realmente não dormiu essa noite?

— Não — ele responde orgulhoso de si e joga uma uva para o alto recolhendo-a com a boca de um jeito sexy que me faz suspirar.

Para minha surpresa acabo comendo mais do que imaginei, Christopher se incumbiu de terminar o que sobrou e com o cair da tarde uma brisa forte faz com que nos enrolemos debaixo do cobertor novamente, Christopher apoia sua cabeça na mochila e eu deito em seu peito, exatamente da mesma forma como fiz na noite passada. Sinto-me aquecida e protegida em seus braços. Sozinhos nesse belo lugar quase me sinto no paraíso e uma sensação boa me inunda, fazendo com que meu coração pule no peito.

— Obrigada — agradeço acariciando seu rosto de traços fortes e bem marcados.

— Não precisa me agradecer.

— Eu digo por tudo, obrigada por ter ficado ao meu lado, por ter dormido comigo, por ter ido falar com o meu pai...

— Eu apenas fiquei lá enquanto você adormecia. — Christopher se inclina e beija meus lábios delicadamente, como se soubesse o quanto sou frágil. — E quanto ao seu pai, eu apenas fui sincero.

— Obrigada mesmo assim.

— Por que você não dorme? — Ele se vira de lado e ficamos de frente um para o outro, tão próximos que basta um sussurro para que o outro possa ouvir o que é dito, enrosco minha perna entre as suas e ele me puxa para mais perto pela cintura. — Do que você tem tanto medo?

— Não quero falar sobre minhas insônias. Não quero falar sobre nada.

Ele confirma com a cabeça e o assunto acaba.

— Você vai me achar muito fácil se eu te pedir para me beijar agora? — faço a mesma pergunta que fiz na primeira vez que nos beijamos.

Christopher ri e aproximo-me um pouco mais tomando a iniciativa e beijando-o, dessa vez com um beijo mais longo. Christopher segura minha perna erguendo-a até a altura do seu quadril, envolvo sua cintura com meus braços acariciando a pele exposta, quente e macia.

— Laura... — ele sussurra entre um beijo e outro. — Eu não quero parecer um canalha...

— Shhh... — Coloco um dedo em seus lábios silenciando-o, seus olhos carregados de desejo me olham e sorrio diante da sensação de ser desejada por um homem como ele. — Eu te quero — digo sentindo que nunca disse algo com tanta convicção.

Christopher se deita e me inclino sobre ele, beijando-o enquanto minhas mãos frias e trêmulas passeiam por dentro de sua blusa. Ele me puxa para seu colo colocando uma perna minha de cada lado seu, meu vestido sobe, tornando o contato ainda mais íntimo e intenso, minha pele delicada encontra a aspereza do seu jeans e posso sentir sua excitação. Não há nenhum outro som além do que fazemos enquanto nos tocamos e nos beijamos e agradeço mentalmente ao tio dele por ter compartilhado com Christopher esse lugar secreto.

Me movo sentindo minha própria excitação crescer à medida que nossas mãos ousam nas carícias e nossos lábios travam uma batalha erótica. Ele geme quando meu corpo toca o seu, suas mãos seguram-me no lugar indicando o que devo fazer. Puxo sua camiseta e ele se desfaz dela, acaricio seu peito, sinto seu coração batendo forte e ouço sua respiração agitada. Não estou diferente e sem pensar duas vezes me desfaço do meu vestido ficando apenas com a calcinha. Christopher me olha como quem admira uma obra de arte, seus olhos passeiam por meu corpo enquanto suas mãos continuam cravadas em meu quadril, ele molha os lábios e dá um sorriso torto e cheio de expectativa.

— Linda! — ele diz em português e me inclino para beijá-lo.

Beijo seu peito sentindo o calor da sua pele em meus lábios; beijo seu pescoço sentindo a pulsação da sua artéria; beijo seu maxilar, e percebo que ele está tenso, travado; beijo seus olhos que estão fechados e seus cabelos rebeldes inalando seu cheiro fresco. Aproximo-me de seu ouvido enquanto sinto sua mão brincar com a minha calcinha, acariciando-me por cima do tecido fino e me fazendo gemer.

— Laura... — ele chama meu nome, ainda de olhos fechados, apoio minha cabeça em seu ombro nu enquanto ele me toca de uma forma que ninguém nunca me tocou antes. — Fale para mim — pede com a voz rouca enquanto me acaricia.

Preciso de um momento até que eu consiga pensar em algo, estou tonta e ofegante e isso nada tem a ver com minha saúde e sim com o caminho que seus dedos estão percorrendo. Ele me penetra lentamente e seguro seus braços como se precisasse ter certeza de que não vou flutuar.

— Laura... — ele me chama mais uma vez. — Por favor, fale para mim, preciso ouvir sua voz. — Mais um dedo se junta na tortura e mordo o lábio tentando conter um gemido, sua outra mão trabalha para se desfazer do seu jeans, me ergo um pouco para auxiliá-lo, tiro minha calcinha e quando ele volta a me tocar estamos completamente nus.

Ele me olha enquanto me toca, aumentando o ritmo. Seu quadril se move como se tentasse aliviar a própria necessidade, mas ele está focado apenas em mim e enquanto me atormenta com uma mão, com a outra me acalenta acariciando minhas costas.

Estou prestes a explodir com um sentimento novo surgindo em meu peito, o coração acelerado de um jeito que tenho certeza de que não suportarei por muito tempo, movo meu quadril auxiliando-o e implorando para que ele me toque mais fundo, mais intensamente, ele parece saber o que preciso e assim o faz até que meu corpo estremece em suas mãos e quando ele retira seus dedos de dentro de mim, tocando-se para se aliviar, me sinto pronta para ele. Seguro-o sobre sua mão, sinto seu calor e rigidez e, ainda olhando em seus olhos, o guio para dentro de mim.

— Laura... — ele sussurra quando percebe o que desejo.

— Eu te quero... — repito em seu ouvido enquanto desço lentamente sentindo meu corpo se moldar a ele. — Eu te quero por completo, não só suas mãos, mas seu corpo e seu coração.

Christopher apenas assiste enquanto me permito ser sua e quando finalmente estou totalmente preenchida por ele me inclino até que meus lábios estejam em seu ouvido e declamo o poema que jurei a mim mesma que nunca falaria a ninguém:

“De tudo ao meu amor serei atento

Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto

Que mesmo em face do maior encanto

Dele se encante mais meu pensamento.”

Ele se move, erguendo o quadril devagar, sigo seu ritmo sentindo um misto de dor e prazer e ele me abraça com suas mãos segurando-me junto a si.

*“Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento”*

Continuo declamando, não reconheço minha voz, está fraca, nada mais do que um gemido, entrecortada e cheia de desejo.

*“E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama”*

Christopher me penetra lentamente, como se soubesse do meu desconforto; ele me ouve em silêncio e mesmo sem compreender uma palavra do que estou dizendo sei que estou deixando-o ainda mais excitado.

*“Eu possa me dizer do amor que tive
Que não seja imortal, posto que é chama*

Mas que seja infinito enquanto dure.”

Termino o poema e me ergo para poder olhar em seus olhos. Estamos parados, conectados, tão juntos como duas pessoas podem estar e nesse momento, enquanto as lágrimas escorrem por meus olhos, Vinicius de Moraes descreve meu amor e eu apenas o repito enquanto me entrego ao único homem que amarei na vida. E nesse momento sei que não há mais volta, sei que deixarei marcar em seu coração, mas não posso evitar, meu amor por ele é como o fogo que queima em brasa, ardente, intenso, feroz e rápido.

Meu coração falho, o mesmo que me deu a maior tristeza da minha vida, o mesmo que encurtará meus dias, me deu neste momento a maior de todas as alegrias, o sentimento pelo qual os poetas eternizaram suas palavras, aquele que me era desconhecido até o momento.

Meu coração contraditório, razão da minha dor, é agora dono do meu amor.

Capítulo 23

CHRISTOPHER

Ela
meu
enquanto
amor e não
se é real,
certeza se
dormindo,
ou até

geme em
ouvido
fazemos
posso dizer
não tenho
estou
sonhando
mesmo se

estou morto e a encontrei no Paraíso, neste momento enquanto sinto-a em volta de mim, tão inocente, tão entregue, a única coisa que sou capaz de fazer é me permitir sentir.

E eu sinto.

Sinto sua voz declamando o poema, não tenho a mínima ideia do que ela está falando, mas eu sinto sua voz tocar cada parte do meu corpo, como um beijo de amor.

Sinto um amor tão grande explodir em meu peito, que até mesmo respirar se torna difícil, não se trata apenas de encantamento ou paixão, eu estou completamente louco por essa garota e não tenho mais dúvidas a respeito disso.

— Cristo! — Eu a beijo deitando-a sobre o cobertor e voltando a me mover. Apoio minha cabeça em seu ombro e tento ser gentil, mas sei que a machuquei pela forma como ela se contrai a cada investida, tento ao menos ser rápido, me concentro no toque das suas mãos, na forma como sua respiração está intensa, no suor que começa a surgir em sua pele, no calor do seu centro apertado, em suas pernas que me abraçam, apertando-me, e não demoro a chegar ao clímax. Laura me abraça, beijando-me com carinho, e me sinto o homem mais completo do mundo.

— Laura. — Me afasto um pouco para observá-la. — Você está bem? — Ela confirma com a cabeça e vejo em seus olhos que ela está falando a verdade.

— Como nunca me senti. — Ela se ergue um pouco e me beija, deito-me a seu lado e trago-a junto a mim, permitindo que nossa conexão se desfaça aos poucos.

— Agora você pode traduzir tudo o que disse para mim? — digo abraçando-a. — Tenho a sensação de que ele é o mais belo que já conheci.

Ela ri, e meu peito se enche de alegria porque seu bem-estar se torna o meu, como se alguma magia houvesse nos tornado apenas um.

— É uma declaração de amor — ela diz com a voz ainda fraca, as bochechas rosadas e os cabelos emaranhados pelo suor.

— Eu sabia que era o mais lindo de todos.

No fim da tarde, deixo Laura na porta de sua casa e nos beijamos três vezes até que finalmente conseguimos nos separar. Toda a excitação da nossa tarde juntos se foi e tudo o que resta agora é sua timidez. Preciso me esforçar para podê-la deixar entrar, sinto como se não fosse vê-la mais e esse sentimento me incomoda um pouco.

À noite, eu escalo sua janela e fazemos amor mais uma vez, ela adormece em meus braços e a última coisa que me diz é “obrigada”. Eu não consigo dormir, passo a noite ao seu lado, decorando o maldito dicionário, sentindo o calor do seu corpo e ouvindo sua respiração tranquila.

No dia seguinte vamos a uma lanchonete, como cachorro-quente e, embora seja melhor que o americano, ainda não é minha primeira opção de alimento. Laura sorri o tempo todo e, embora aparente estar mais cansada e pálida, ela insiste que está tudo bem.

Quando anoitece, não espero que ela me peça para ir ao seu quarto, apenas espero até que sua casa esteja silenciosa e escalo até a sua janela. Não fazemos amor, não que eu não queira, mas ela parece exausta e eu começo a ficar preocupado que ela esteja ficando doente. Então apenas a mantenho junto a mim e canto uma antiga canção de ninar até que ela adormeça.

Minhas dúvidas se concretizam na manhã seguinte e me sinto mal ao vê-la com o nariz vermelho e um quadro de gripe, provavelmente causado pela nossa tarde de sexo ao relento. Passamos o dia inteiro no sofá da sua casa assistindo filmes que seu pai alugou. Sua mãe a observa durante todo o dia, mede sua temperatura, pergunta se ela está se sentindo bem e liga para o médico para informá-lo de que Laura está gripada.

— Está tudo bem? — pergunto a ela antes de colocar minha mão em sua testa.

— Estou ótima, minha mãe está apenas exagerando. — Laura retira minha mão de sua testa fria e se vira para me dar um beijo rápido antes de voltar a se acomodar ao meu lado.

Peço desculpas trinta e sete vezes e ela recusa cada uma delas dizendo que se pudesse faria a mesma coisa novamente. Meu peito se enche de alegria e remorso.

Mesmo a contragosto, seus pais permitem que eu fique até tarde com ela, nos despedimos quando chega a hora e dou a volta no quintal seguindo até a parte lateral e encontrando-a em seu quarto. Ela ainda parece um pouco doente, mas mesmo assim me seduz com beijos e poemas de amor sussurrados em meu ouvido, eu me entrego a seus caprichos e a amo lentamente. Laura declama outro poema enquanto estou dentro dela e ouço-a gemer meu nome quando atinge o clímax e é a coisa mais erótica que já fiz na vida. Adormecemos um nos braços do outro e, mais uma vez, a última coisa que ela diz é “obrigada”.

No nosso último dia juntos, Laura parece estar bem melhor, mas eu não tenho tanta convicção, já que ela está usando um pouco de maquiagem, ficamos grande parte do dia no seu quarto, com a porta aberta. Claro. Ouvimos música, ela me apresenta Legião Urbana e eu gosto muito, descubro outras músicas brasileiras e apresento a ela bandas inglesas que gosto.

Jeremy nos convida para irmos a uma lanchonete no fim da tarde com outros rapazes, embora eu tenha ficado de fora de grande parte da conversa me divirto bastante e Laura sorri o tempo todo.

Sinto meu peito apertar quando chego a seu quarto na nossa última noite e a encontro sentada no meio da cama, os cabelos soltos caindo em cascatas por seus seios, o rosto pálido encoberto pela escuridão. Tão bela que mais parece uma pintura. Permaneço um momento parado, apenas a observando.

— O que foi? — ela me pergunta, sorrindo.

— Eu acho que te amo — admito e me surpreendo ao perceber que essa é a palavra que eu estava procurando todos esses dias para definir o que sinto por ela.

— Você acha? — ela pergunta com o mesmo tom de voz assustado que ela usa sempre que falo sobre o futuro.

— Não, na verdade eu tenho certeza.

— E como você se sente a respeito disso?

Aproximo-me sentando em sua cama e segurando suas mãos sempre tão geladas.

— Eu me sinto bem, na verdade eu me sinto completo.

Ela parece gostar da minha resposta e se joga em meus braços me beijando com força, seguro-a junto a mim saboreando seu beijo, até que ele se torna um misto de mãos e bocas, toques e gemidos, um desespero que só termina quando estou finalmente dentro dela e, pela

primeira vez enquanto a possuo eu canto para ela os versos da canção *Wherever you will go*, e sinto como se *The Calling* fosse capaz de expressar meu sentimento.

*“Agora eu sei exatamente como
Minha vida e o meu amor poderão continuar
Em seu coração, em sua mente
Eu ficarei pra sempre com você”*

Passamos grande parte da noite unidos, não nos cansamos um do outro, ou talvez estejamos apenas nos despedindo em silêncio, Laura traduz o poema que sussurrou em meu ouvido aquela tarde em que fizemos amor pela primeira vez, é lindo e triste ao mesmo tempo porque, embora eu esteja pleno por tê-la em meus braços, eu estou vazio por saber que nosso tempo está acabando. No fundo sinto que tudo o que estamos vivendo não passa de uma aventura para ela, sei que não a terei novamente e embora eu venha me especializando na arte de me enganar, agora que tudo está chegando ao fim percebo que no fundo eu sempre cultivei uma esperança de que ela finalmente voltasse atrás em sua decisão e permitisse a nós dois um futuro. Mas ela não fez.

Antes de dormir, exaustos e plenos, ela sussurra em meu ouvido o que tanto desejei ouvir:

— Eu te amo.

E ao contrário do que sempre imaginei que sentiria quando ela finalmente me dissesse isso, meu peito se comprime e sou tomado por uma tristeza tão grande que mal consigo respirar. Aperto-a em meus braços tentando em vão diminuir a dor e beijo seus cabelos repetindo suas palavras:

— Eu também te amo. — Muito mais do que gostaria.

Amanhã a essa hora quilômetros e quilômetros me separarão do meu coração e não sei quanto tempo conseguirei suportar longe dele.

Capítulo 24

CHRISTOPHER

O
amanhece

dia
e acabo

adormecendo ao seu lado, estou exausto e minha cabeça dói um pouco, tento me separar dela, mas assim que me mexo Laura se enrosca em mim como uma cobra. Sorrio enquanto tiro seus braços e pernas de cima de mim e levanto tentando não fazer barulho, ouço o barulho de talheres e posso sentir o cheiro do café indicando que seus pais já estão de pé.

Abro a mochila e retiro o pacote que preparei para ela, deixo-o ao seu lado na cama, visto minhas roupas e abro a janela tentando não acordar. Ela se mexe e já sinto saudades mesmo sabendo que ainda nos veremos em algumas horas.

Aterrisso no seu quintal silenciosamente como um gato, e sigo até o muro que separa as casas dela e de Jeremy. Me pego invejando meu primo que permanecerá ao seu lado enquanto eu sou obrigado a me afastar dela.

Aproveito as horas que faltam até que eu a encontre novamente, tomo um banho longo e durmo, acordo com Jeremy me chacoalhando.

— Acorda que tem alguém que está aqui pra te ver.

Levanto em um pulo, me visto rapidamente e desvio o olhar da minha bagagem, está tudo pronto e quando vejo no relógio que falta menos de duas horas sinto meu peito apertar. Chego a sala e, para minha surpresa, não é Laura quem me aguarda e sim seu pai.

— Christopher. — Ele me estende a mão e me arrependo de não ter dado uma olhada no espelho antes de descer, tenho certeza de que minha aparência não é das melhores.

— Sr. Vieira — digo aceitando sua mão. Ele sorri para mim pela primeira vez em dois meses e me surpreendo.

— Pode ficar tranquilo, hoje eu vim aqui em missão de paz.

Indico o sofá e ele se senta, sento-me à sua frente e apoio minhas mãos nos joelhos para tentar evitar que eles tremam tanto.

— Christopher, antes de mais nada gostaria de me desculpar pela forma como te tratei, tenho certeza de que um dia você será pai e saberá o que é o sentimento que tenho por Laura.

— Não se preocupe, senhor, eu posso compreendê-lo.

Ele balança a cabeça e continua:

— Esses últimos dois meses vi minha filha pular da alegria absurda a tristeza e sei que você foi o principal motivo de tudo isso.

— Sim, senhor, mas quero que saiba que eu amo sua filha.

Ele me olha por um momento como se analisasse minha informação.

— Eu não duvido, rapaz, os sentimentos assim como os hormônios sempre são mais intensos na sua idade.

— Isso não tem nada a ver com hormônios, senhor — tento me defender. — Não sou um moleque.

Ele fica em silêncio, apenas me analisando como se esperasse encontrar em mim algo que delate minha mentira. Não vai encontrar.

— Eu não disse que você é um moleque, apenas não tenho certeza se você é maduro o suficiente para lidar com Laura.

— O que o senhor quer dizer com isso? — pergunto sem compreender suas palavras, mesmo que ele as diga em um inglês totalmente compreensível.

— Eu me preocupo com a intensidade dos seus sentimentos, rapaz, não quero que você se machuque.

— Não tem como prever o que vai acontecer quando decidimos nos envolver com alguém, senhor. Eu sabia dos riscos e aceitei mesmo assim.

— O que Laura te contou? — ele me pergunta e começo a ficar preocupado.

— Ela me disse que vai embora de casa em breve, era por isso que ela não queria que nos envolvêssemos, mas essas coisas não se controlam, e não me importo para onde ela vá, eu a amarei da mesma forma.

O rosto dele se transforma, ainda não compreendo o que ele queria ao vir até aqui, mas se ele pretendia me afastar de Laura ele perdeu seu tempo, sei que ainda temos muito o que conversar, mas teremos todo o tempo do mundo para isso, mas agora o importante é saber que nos amamos e que nada vai nos separar, nem mesmo a distância.

A porta da sala se abre e Laura aparece segurando o embrulho que dei a ela em suas mãos.

— Papai? — Ela olha dele para mim, sua respiração está ofegante e tenho certeza de que ela veio correndo. — O que o senhor está fazendo aqui?

— Eu vim conversar com Christopher — ele diz e Laura consegue ficar ainda mais pálida.

— O que o senhor falou? — Ela permanece no mesmo lugar, apertando a caixa com tanta força que seus dedos começam a ficar com as pontas vermelhas.

— Eu não falei nada — ele responde e é a minha vez de ficar surpreso, mas antes que eu possa dizer algo seu pai se levanta, vem até mim e me dá um abraço apertado. Olho para Laura, que parece ainda mais surpresa do que eu, e ela ergue os ombros enquanto um sorriso assustado surge em seus lábios.

— *Eu te amo* — ela pronuncia, movimentando os lábios em silêncio, e em inglês.

— *Eu te amo* — respondo da mesma forma, em português.

Seu pai me solta e noto lágrimas em seus olhos, me assusto, mas não ao ponto de perguntar se ele está bem, Laura finalmente entra e o abraça, e o choro dele aumenta.

— Isso é tão injusto, minha pequena — ele diz agarrado a ela.

— Pai — ela o chama desfazendo-se do seu abraço. — Por favor, pai, aqui não.

Ele limpa os olhos e deixa um beijo no topo da cabeça dela antes de se virar para mim.

— Me desculpe, rapaz, desejo que você seja muito feliz.

— Obrigado, senhor — digo ainda sem compreender nada do que aconteceu aqui.

Ele se vai e Laura se aproxima me abraçando e beijando-me.

— O que foi isso? — pergunto a ela.

— Nada de mais, ele apenas odeia despedidas — Laura diz como se realmente não fosse nada de mais. — Agora pode me dizer o que é isso aqui? — Ela balança a caixa na minha frente mudando totalmente o assunto.

— Um pouco de mim — respondo ainda olhando para a porta e tentando compreender o que acabou de acontecer aqui na minha frente.

Ela se ergue nas pontas dos pés e me beija mais uma vez atraindo minha atenção.

— Obrigada — ela diz. — Mas isso não era necessário, eu tenho muito de você aqui. — Ela espalma a mão no coração e o meu dispara no peito.

Laura segura a caixa onde coloquei uma fita cassete com as músicas que escolhemos juntos, o poema que ela sussurrou em meu ouvido enquanto fazíamos amor, escrito em inglês, minha camiseta cinza que ela tanto gosta e uma rosa que eu comprei. Branca, assim como a da lenda que ela me contou em uma das noites em que passamos abraçados no quintal da sua casa. Parece que faz tanto tempo, mesmo tendo sido apenas há algumas semanas.

Abro a caixa em suas mãos e retiro a rosa de dentro, que está começando a murchar, mas mesmo assim ainda tem o perfume que ela tanto ama.

— Sou como essa flor, Laura. Antes de ouvir sua voz eu não tinha cor, antes de ser abraçado por você eu era vazio. Obrigado por ser meu rouxinol. — Me inclino e a beijo mais uma vez, seguro-a junto a mim desejando que esse beijo não acabe nunca.

Seu corpo se torna pesado.

Seus lábios param de me beijar.

Sua cor desaparece.

Meu coração dispara no peito no momento em que ela fecha seus olhos e diz:

— Obrigada.

A caixa cai de suas mãos.

E então ouço um grito de dor, medo e desespero.

É o grito do meu coração.

Capítulo 25

CHRISTOPHER



Estou parado no meio de um corredor, pessoas passam por mim, mas é como se elas não me vissem, estou adormecido, não sinto medo, nem confusão, apenas permaneço parado no meio do maldito corredor olhando para os pais de Laura, que continuam conversando com o médico.

Seu pai mantém a máscara de homem forte embora eu consiga notar que ele está prestes a desabar nos braços da sua esposa. Ela, por sua vez, não esconde a dor e desde que viemos parar aqui ela não consegue parar de chorar.

Ninguém me diz o que está acontecendo, eu não consigo acompanhar a conversa, mas acredito que mesmo que eles estivessem falando em inglês eu não seria capaz de compreender. Tudo o que consigo fazer é repassar em minha mente o momento exato em que meu mundo se partiu em dois.

Quando ela desmaiou em meus braços e percebi a gravidade da situação — o momento em que descobri por que não teríamos um futuro — quando tudo se encaixou: sua palidez, seu frio constante, o cansaço excessivo, a forma como seus pais sempre pareciam tão preocupados, o medo que ela sempre sentiu, o fato de nunca querer dormir... O porquê de ela não querer falar de futuro.

— Chris. — Ouço meu nome e encontro Jeremy ao meu lado, olho para ele e lembro do dia em que ele me disse para ficar longe dela.

— O que ela tem? — pergunto e ele desvia o olhar.

— Chris, cara, eu... — Ele balança a cabeça e olha para o chão.

— Responda. — Empurro-o e ele perde o equilíbrio dando um passo para trás. — Você sabe o que ela tem? — Seguro sua camiseta em minhas mãos e vejo o terror em seus olhos enquanto ele olha para mim. — Responde, porra! Você sabe?

— Ela tem alguma coisa em seu coração, eu não sei o que é, só sei que ela vai morrer.

— É mentira! — grito em seu rosto e chacoalho seu corpo fazendo-o bater a cabeça na parede. — É mentira, seu maldito idiota, ela não vai morrer, ela vai embora, ela apenas não me quer, ela não vai morrer.

Sinto braços me segurando, mas continuo gritando tentando convencer a mim mesmo de que estou certo.

Ela apenas não me quer, ela está bem, ela não vai morrer.

Capítulo 26

LAURA

Não
tudo na

se pode ter
vida.

Havia uma escolha a ser feita e eu escolhi ser feliz. E não me arrependo.

No dia em que Christopher voltou e se declarou para mim eu decidi que valia muito mais a pena ter um punhado de dias especiais do que mais um monte de dias nublados. E foi o que fiz.

Todos os dias de manhã ao acordar eu jogava meus comprimidos fora, eles tinham a função de fazer meu coração bombear mais rapidamente, porém eu me sentia mais sonolenta, menos presente e eu não queria isso.

Sem eles eu me sentia mais viva, embora mais cansada e mais fraca, mas eu não me importava. Como disse antes, não me importo de morrer, agora menos ainda, porque conheci o amor, descobri os prazeres que ele pode nos proporcionar, levarei comigo algo que ninguém nunca poderá tirar. E quer saber? Não me arrependo.

Sinto-me pesada, como se meu corpo desejasse flutuar, mas algo não me permite seguir meu caminho, estou sendo puxada para baixo. Tento abrir os olhos, ouço uma voz baixinha em meu ouvido, mas não consigo compreender nada, forço-me a despertar mais uma vez e descubro porque não consigo seguir adiante.

Christopher está segurando minha mão.

É ele quem me mantém aqui, é por ele que meu coração não parou definitivamente, talvez por saber que guardo um pouco dele dentro de mim.

— Chris... — chamo seu nome e ele ergue a cabeça, ao ver que estou acordada ele se levanta.

— Como você está se sentindo? — ele pergunta enquanto olha para meu corpo e volta a olhar para meu rosto.

— Chris, você perdeu o seu voo — digo e ele parece não se importar.

— Como você está se sentindo? Está com dor? — ele volta a perguntar.

— Não, eu estou bem — minto para ele porque eu não estou nada bem.

— Você não tinha intenção de me contar? — ele pergunta ignorando a minha resposta.

— Quanto tempo você está aqui? — pergunto sentindo que estou quase dormindo novamente.

— Eu não acredito que você não iria me contar, Laura — ele repete ofendido e fecho os meus olhos, incapaz de olhar para ele.

— Me perdoe, eu tentei, mas não consegui.

— Você não conseguiu? Ou apenas ficou com pena do cara que se apaixonou por você?

Abro meus olhos e noto o quanto ele parece mudado, Christopher parece como um homem dez anos mais velho do que é e me entristeço por saber que, por mais que tenha tentado, não consegui protegê-lo.

— Eu tive pena de mim, porque, mesmo sabendo que não poderia, eu não fui capaz de me impedir de te amar. Fui fraca e me deixei levar. Me perdoe, Christopher, eu nunca desejei magoá-lo.

Ele solta minha mão e se afasta, volta a sentar na cadeira e abaixa a cabeça nas mãos.

— Meu Deus... isso só pode ser um pesadelo — ele diz, o sotaque soando mais forte do que nunca. — Eu não acredito que você esteja morrendo, isso é absurdo.

Christopher balança a cabeça de um lado para o outro, exatamente como meu pai ao receber meu diagnóstico e me sinto como uma maldição, eu destruo todos aqueles que me amam.

— Como você pôde esconder isso de mim? — ele pergunta magoado.

— Eu não queria que você me olhasse dessa maneira.

— E que maneira você queria que eu a olhasse quando acabo de descobrir que você está doente, que está morrendo? Como você queria que eu olhasse para você enquanto você está amarrada a um monte de fios, oscilando a cada segundo do dia, como em um maldito pesadelo?

— Chris... — chamo seu nome tentando acalmá-lo, mas ele parece não me ouvir.

— Eu tenho medo até mesmo de dormir, porque eu não sei se você estará aqui quando eu acordar e não quero ouvir alguém dizer que você se foi sem saber o que você significa para mim.

— Eu sei... — sussurro sentindo as lágrimas escorrerem no meu rosto. — Meu amor, olhe para mim — peço e ele me obedece, seus olhos estão vermelhos e ele parece destruído. — Eu te amo, e eu preciso te agradecer, porque você tornou meus dias mais bonitos, você me deu algo que eu nem esperava, você me deu seu amor e eu o aceitei pelo tempo que tivemos.

— Não, Laura, eu nem sequer tive tempo, não tivemos tempo para nada, Jesus Cristo, você é apenas uma menina, não tivemos tempo, porra nenhuma! — ele se exalta e suas palavras me machucam porque sei exatamente como ele se sente.

— Chris, eu preciso que você aceite, eu já aceitei, meus pais já aceitaram, não há nada que possamos fazer para mudar isso.

— Não vou aceitar porra nenhuma, eu disse a você uma vez que sou um homem de palavra e estou te prometendo que não vou desistir de você, não até ter esgotado todas as chances que existam no mundo.

A porta do quarto se abre, uma enfermeira se aproxima olhando para nós.

— Por favor, eu preciso que você se retire — ela se dirige a ele. Christopher se levanta e passa as mãos nos cabelos. — Por favor — ela repete.

— *Okay I'm leaving*⁷ — ele diz sem se importar se a enfermeira pode ou não compreendê-lo.

Christopher se aproxima da minha cama e beija meus cabelos acariciando-os por um breve momento.

— *I love you...* — ele diz olhando em meus olhos como se estivéssemos a sós no quarto. — *Forever* — ele completa antes de sair do quarto.

— Obrigada por tudo — digo a ele, mas não tenho certeza se ele me ouviu. A porta se fecha e então tudo fica em silêncio.

Capítulo 27

CHRISTOPHER

Laura tem uma cardiopatia rara e grave. Seu coração é como o de um centenário e ele está falhando. Não há cura, apenas uma maneira de adiar o inevitável.

Ela vai morrer.

Foi nesse dia em que ela teve uma parada cardíaca em meus braços que percebi que amar Laura seria uma sucessão infinita de contrastes.

A alegria por mais um dia de vida e a tristeza pela incerteza.

A força para lutar por nosso amor e a fraqueza por não poder fazer nada por ela.

O amor e o ódio convivendo lado a lado porque não consigo compreender como alguém tão especial como ela pode estar fadada a morte prematura.

Perdi naquela tarde muito mais do que um voo: perdi aquele semestre, perdi noites de sono ao seu lado, perdi dias em busca de uma cura e perdi a confiança de meus pais. Foram dias e dias de ligações caríssimas que resultaram apenas em gritaria, acusações e brigas. Meu pai ameaçou vir me buscar, eu disse que não sairia do lado dela. Já minha mãe disse não me reconhecer mais, até que eu abri meu coração a ela e disse que havia encontrado a mulher da minha vida e que ela estava morrendo. Ela me ouviu chorar por dez minutos em silêncio, depois desligou o telefone, mas quando falei com ela novamente havia um tom novo em sua voz, ela havia virado Londres de ponta cabeça atrás dos melhores especialistas em cardiologia do país e finalmente consegui ver uma luz no fim do túnel

Quando Laura recebeu alta e pôde finalmente voltar para sua casa fiquei ao seu lado até que ela estivesse estável e então decidi voltar para Londres, mas, ao contrário de quando saí de

casa em busca de diversão, eu voltava um homem diferente: mais maduro e quebrado, pois deixei no Brasil um pedaço do meu coração e a promessa de que eu voltaria com a sua cura.

Chego em casa exausto e morrendo de medo, uma outra parada e ela pode morrer e estou tão longe dela. Começo a acreditar que agi errado em deixá-la, mas era necessário, eu não podia fazer mais nada ali naquela cidadezinha, seus pais já tão velhos e cansados haviam aceitado o triste destino da filha e eu me tornei a sua única esperança.

Ainda estou sentado na minha cama olhando para o telefone que anotei em um papel, com toda a minha esperança depositada naquele conjunto de números. Ouço a batida na porta antes do meu pai entrar.

— Christopher — ele chama meu nome e noto o quanto senti a sua falta. Ele dá um passo para dentro do quarto e vejo a diferença entre ele e o pai de Laura. Sei que ele moveria céus e terra para me proteger porque ele é assim, nada está terminado até que ele diga que sim, nesse aspecto me assemelho muito a ele e agradeço a Deus por isso.

— Pai. — Sinto minha voz falhar porque estou muito mais cansado do que pensei que estivesse e quando ele estende seus braços para mim, não me envergonho em correr para eles e chorar porque sei o quanto precisei de um abraço. Neste momento me sinto tão pequeno, tão impotente, que até mesmo falar se torna difícil.

— Eu estou aqui, filho, não se preocupe, eu sempre estarei aqui — ele diz enquanto me aperta em seus braços, eu nunca fui abraçado dessa forma antes por ele e me impressiono como suas palavras são fortes e por elas eu me obrigo a acreditar.

— Eu não vou abandoná-la, pai. Eu voltei, mas não vou abandoná-la.

Ele assente e me solta, noto que ele está emocionado quando diz com a mão em meu ombro:

— Eu imaginei que você diria isso.

Olho para a porta e encontro minha mãe parada nos observando, ela ergue o rosto, sua postura aristocrata impedindo-a de desabar como acabei de fazer, mas noto seus olhos cheios de lágrimas enquanto ela força um sorriso em seus lábios.

— Meu menino, eu senti a sua falta.

Vou até ela e a abraço sentindo-me aliviado em saber que a tensão entre nós acabou, eles estão casados há quase trinta anos, se amam o suficiente para saber que eu não vou abandonar Laura. E isso é tudo o que preciso.

— Eu estou muito orgulhosa de ver o homem em que você se transformou — ela diz dando tapinhas em meu rosto e sorrio porque é exatamente assim que me sinto. Um homem.



Passo os meses seguintes em busca de um especialista que possa cuidar do caso dela, meu pai e minha mãe me acompanham em quase todas as reuniões. A cada resposta negativa sinto no abraço apertado e nas palavras confiantes minha esperança ser renovada.

Falo com Laura muito menos do que eu gostaria, mandamos cartas e ela me escreve poemas, no último ela me enviou uma rosa e eu quase pude sentir o cheiro dela.

Sou um homem que cresceu acreditando que homens não devem chorar, e hoje sei o quanto não sou capaz de controlar isso, às vezes passo a noite olhando para o teto e permitindo que as lágrimas escorram por meus olhos, elas aliviam o peso que carrego em meu coração.

No dia 28 de abril de 1992 conheço o homem que irá mudar a minha vida para sempre: Dr. Gerard Walker, um renomado cientista e especialista em cardiopatias raras. Ele finalmente aceita falar comigo, pois esteve viajando durante meses e ao mostrar a ele o diagnóstico de Laura seus olhos se iluminam como uma criança ao ganhar um doce.

— Acho que posso ajudá-los — ele diz ajustando seu grande e ultrapassado óculos no rosto envelhecido.

Sinto uma nova onda de esperança surgir, nada é garantido, mas sei que farei o que estiver ao meu alcance para que ela possa viver mais. Esse é o meu grande objetivo de vida.

Capítulo 28

LAURA



Estou um pouco sonolenta, inchada e irritada, sei que não posso mais me permitir viver uma aventura, sou vigiada dia e noite como uma criminosa e minha mãe me dá os remédios todos os dias para garantir que os tomarei. Quase um ano se passou desde que estive à beira da morte pela última vez, minha recuperação é uma surpresa para os médicos e um alívio para minha família. O futuro ainda é incerto e a morte minha companheira diária, mas não me permito pensar nela mais do que o resto das pessoas.

Olho para o bilhete que Jeremy trouxe hoje cedo e sorrio sentindo um frio se espalhar por minha barriga, falta bem pouco para que possamos nos ver novamente, depois de quase oito meses longe. A saudade é algo que me machuca, às vezes acordo no meio da noite e relembro nossos momentos juntos, releio suas cartas, olho nossas fotos e hoje, ao descobrir que ele está finalmente de volta, sinto como se a vida voltasse a fazer sentido para mim.

Visto o vestido que minha mãe me comprou já que nada do que tenho me serve, olho para meu reflexo no espelho e para a garota que sorri para a Polaroid na foto em que estou com Christopher e não me reconheço mais.

Estou lutando, sobrevivendo, um dia de cada vez, por ele.

Estou exausta, mas não posso desistir, ele não desistiu de mim. Contra todas as probabilidades ele se manteve fiel a promessa que fez na nossa última noite juntos...



Sinto falta do seu toque, do seu beijo e de fazer amor com ele. Embora ele esteja ao meu lado nos últimos noventa dias, ainda sinto sua falta.

— O que foi, baby, está se sentindo mal? — ele pergunta sentando-se ao meu lado na cama. Ele faz essa pergunta ao menos umas quatro vezes por dia.

— Sinto sua falta — admito e ele me olha assustado.

— Eu estou aqui, amor, não vou a lugar algum até que você esteja bem.

Balanço a cabeça deixando claro que não me refiro à presença física dele, às vezes uma pessoa não precisa estar ausente para fazer falta, é o caso de Christopher.

— Será que algum dia você voltará a me ver como antes? — pergunto já sentindo o nó se formar na minha garganta, odeio ser essa garota sensível e chorona que me tornei.

— Laura. — Ele segura meu rosto em suas mãos e me beija castamente como em todas as vezes. — Para mim nada mudou.

— Mentira — digo sem conseguir controlar a mágoa e as lágrimas. — Tudo mudou e agora você sabe porque eu tentei não te deixar ficar.

— Shhh, amor, para com isso. Eu não vou a lugar algum, não me importo se você está chateada ou não, eu vou ficar, porque, ao contrário do que o seu pai acreditava, eu sou um homem de palavra e vou ficar com você até o fim.

Retiro suas mãos do meu rosto e as beijo sentindo um amor profundo e isento de interesse por esse rapaz, tão lindo, tão bom e tão puro. Sei que estou exigindo muito mais do que ele merece, sei também que ele fará o que estiver a seu alcance para me ver bem e tenho medo das consequências quando eu finalmente partir.

— Christopher — o chamo desejando que ele me ouça. — Eu preciso que você me prometa uma coisa.

— Não, eu não vou prometer nada, Laura.

— Eu preciso disso para poder aceitar tudo o que você pretende fazer em paz.

Ele me olha por um momento como se tentasse descobrir onde pretendo chegar.

— Tudo bem, diga.

— Prometa a mim que quando tudo se acabar, quando não houver mais nada a ser feito, quando eu estiver chegando ao fim, prometa que você me deixará.

— O quê? — ele pergunta nitidamente contrariado. — Que absurdo é esse que você está falando?

— Apenas prometa, Christopher.

— Por que eu prometeria uma coisa dessas?

— Porque eu só morrerei em paz se souber que você não me viu sofrer. Eu morreria se te visse em uma cama, morrendo, sem poder fazer nada. Não quero isso para você, Chris, apenas prometa que quando esse dia chegar você vai embora.

— Eu não posso te prometer isso, Laura, não serei capaz de cumprir.

Retiro meu caderninho de poemas da mesinha, ao lado de uma rosa e do coquetel de remédios que me mantém viva, abro-o na última página escrita, onde está a lenda do rouxinol, noto a semelhança entre mim e a lenda, e sorrio emocionada e feliz sabendo que eu seria capaz de morrer por ele, e morreria feliz.

Pego a rosa do vaso e seguro-a em minhas mãos, aperto a ponta do meu dedo em um dos seus espinhos e aguardo enquanto o sangue se acumula no ferimento, marco a borda da rosa que desenhei no papel com meu sangue e entrego a rosa para Christopher, ele faz o mesmo e une seu sangue ao meu.

— Quando ficar insuportável apenas me mande rosas e saberei que seu coração ainda me pertence.

— Você não compreende, Laura. Eu te amo, te amarei para sempre — ele diz em um português mais claro, com tanta força e convicção que não resta dúvidas em meu coração de que ele cumprirá a sua palavra. Em seguida, ele se inclina e me beija devagar, sugando meu lábio e me fazendo arfar. — Eu te amo. Para sempre.

Sorrio feliz e com o meu coração fraco, cheio de esperança, seguro suas mãos que ainda estão em meu rosto e olho dentro dos seus lindos olhos verdes que sempre me trouxeram tanta paz.

— Isso significa que sempre haverá rosas em minha vida.

Capítulo 29

CHRISTOPHER

Eu nada seria, não desisti de um único. Nem achava que prestes a quando ela fraca que a qualquer momento ela me deixaria.

sabia que fácil, mas dela, nem dia sequer. quando eu estava ruir, ou parecia tão

Não desisti dela quando ela me mandou embora, quando meus pais me disseram que isso era uma loucura juvenil, quando seus pais me disseram não da primeira vez, nem quando eles disseram na décima ou na vigésima.

Sou um homem, um legítimo exemplar britânico e honro minha palavra assim como a maioria dos ingleses honram a rainha. Laura é minha vida e eu não desistiria dela por nada e nem por ninguém.

Olho para o céu e sorrio agradecendo a Deus por esse presente, embora estejamos em meados de julho está um dia agradável e o sol ilumina tudo à sua volta.

Remexo-me sentindo calor, estou sufocando e puxo um pouco a gravata para que eu possa respirar, olho para Jeremy ao meu lado e ele tenta esconder um sorriso, mas copia meu gesto afrouxando a sua própria gravata.

Fecho os olhos e relembro a primeira vez em que estivemos aqui, debaixo dessa árvore, a primeira vez em que a tive em meus braços, a imagem é tão clara como se tivesse acontecido ontem e não há dois anos, lembro a última vez que estivemos aqui, um mês atrás, quando fiz o pedido. Sorrio ao lembrar da sua expressão quando abriu a caixa e viu o anel, o medo de me prender a ela. Pobre, Laura, não sabe que estou tão preso como um homem pode estar.

O som do carro chama minha atenção, o violino começa a tocar uma música suave, meus pelos se eriçam, meu coração bate forte no peito e respiro fundo tentando pôr ar em meus pulmões, mas acho que todo o ar do mundo foi sugado pela linda mulher que sorri para mim como um anjo banhado de luz, usando um vestido branco simples e longo, com um pequeno

buquê de rosas brancas em sua mão, enquanto caminha entre as rosas vermelhas que tanto ama, de braços dados com seu pai.

É um momento breve, o silêncio reina entre as poucas pessoas que testemunham nossa união e quando seu pai entrega sua mão para mim, quando sinto seus dedos frios tocarem os meus em chama sinto o ar finalmente voltar a meu peito.

— Você está linda — digo a ela antes de deixar um beijo em sua testa e sinto minha voz tremer e o sorriso que recebo de volta é mais do que qualquer homem no mundo pode desejar.

Capítulo 30

LAURA



Quando o médico me disse que minha vida seria mais curta que a das outras pessoas eu perguntei: *Por que eu?* Acho que essa é a primeira pergunta que qualquer pessoa se faz quando descobre que está doente. Por meses senti pena de mim, porque eu não viveria o suficiente para me formar, viajar, conhecer o mundo e ser apenas mais uma garota.

Grande erro o meu. Quem disse que precisamos de uma vida inteira para realizar todos os nossos sonhos? Eu posso dizer, com toda a certeza desse mundo, que não precisamos. Eu tenho dezoito anos e, para a grande maioria das pessoas, sou apenas uma menina, jovem demais, que não sabe nada sobre a vida. Mas eu posso dizer que o que nos torna sábios não é o tempo que vivemos nessa terra e sim as experiências que nos modificam. Apesar dos meus poucos anos de vida eu sou uma mulher que foi modificada de várias formas.

A primeira vez em que fui modificada foi quando recebi meu diagnóstico, foi quando perguntei por que eu? E foi quando tudo à minha volta perdeu o sentido. A segunda foi quando conheci Christopher, eu tentei de todas as formas possíveis não me apaixonar, mas foi inevitável. E eu perguntei por que eu? Dentre tantas meninas mais bonitas e saudáveis ele escolheu a mim e eu não compreendi. A terceira foi há pouco mais de seis meses quando perdi minha mãe por causa de um câncer de pulmão, sua morte foi um choque, ninguém esperava que ela se fosse antes de mim, afinal de contas sou eu quem estou com meus dias contados, e eu novamente perguntei por que eu? Mas aí está a coisa toda, a vida nada mais é do que uma loteria, e ninguém sabe na verdade qual será o próximo número a ser sorteado, minha mãe foi antes de mim e, embora tenhamos tido muito pouco tempo para despedidas, ela se foi em paz e assim ficamos eu e meu pai. A morte não nos assusta mais como antes.

A quarta vez em que minha vida mudou foi quando fui pedida em casamento. Ainda me lembro das suas palavras quando me disse que ser meu marido o faria o homem mais feliz do

mundo, na hora lembrei da minha mãe e desejei que ela estivesse aqui para que ela nos abençoasse. E eu perguntei a ele: *Por que eu?* E ele me respondeu.

— Porque dentre todas as flores que existem, a rosa é a mais contraditória. Embora suas pétalas sejam tão delicadas que a qualquer toque podem se desfazer, seu caule é tão forte que pode nos ferir. E assim é você, Laura, sei que posso me ferir, estou pronto para isso, mas não posso me manter longe de você, assim como a rosa e o rouxinol.

Eu disse sim imediatamente, repeti enquanto fazíamos amor debaixo da árvore e também quando ele marcou nossas iniciais no tronco. Meu pai disse não, até que Christopher o convenceu que sendo sua esposa eu estaria mais protegida em outro país. Embora uma parte dele se sentisse feliz por mim sabendo que eu começaria um novo tratamento em Londres e que havia esperanças, outra parte estava triste por saber que estaria abrindo mão da única pessoa que lhe restou.

E nesse momento, enquanto estou caminhando em direção ao homem que amo, seguro o braço do meu pai com tanta força que acho que vou decepá-lo. Clarice sorri em meio às lágrimas ao lado de Jeremy, os pais de Christopher só têm olhos para o seu filho, que continua olhando para mim como se eu fosse a única coisa no mundo.

Ele me recebe das mãos do meu pai e agradece, se inclina e beija minha testa.

— Você está linda — ele diz e fico satisfeita, não digo o quanto ele está bonito com os cabelos bem penteados e presos em um terno elegante, porque embora ele esteja mesmo, não consigo falar, estou nervosa demais e na minha opinião prefiro ele com seu jeans e camiseta e seus cabelos rebeldes.

A cerimônia é simples e rápida, apenas nossos pais e seus tios assistem, embaixo da árvore, onde fizemos amor pela primeira vez. Envolto em grandes arranjos de rosas, banhados pelo sol em uma fresca tarde de julho, ouço o homem que escolheu a mim dentre todas as outras declarar seu amor diante das pessoas que amamos.

— Laura — ele ainda diz meu nome exatamente igual a primeira vez, com o erre embolado, ainda sinto o mesmo frio no estômago quando ele me chama assim e sorrio para ele quando ele tira um pedaço de papel de dentro do bolso e beija meus lábios rapidamente antes de limpar a garganta e começar a declamar o que, a partir de hoje, se torna o meu poema favorito de todos.

Amo-te tanto, meu amor... não cante

O humano coração com mais verdade...

Amo-te como amigo e como amante

Numa sempre diversa realidade

Seu português, agora bem melhor, sai um pouco atrapalhado, assim como o inglês se torna mais forte quando ele está nervoso.

Amo-te afim, de um calmo amor prestante,

E te amo além, presente na saudade.

Amo-te, enfim, com grande liberdade

Dentro da eternidade e a cada instante.

Ele mantém os olhos fixos em mim e eu já não consigo mais vê-lo, estou chorando e, quando a primeira lágrima rola por meu rosto, ele a captura enquanto continua a declamar.

Amo-te como um bicho, simplesmente,

De um amor sem mistério e sem virtude

Com um desejo maciço e permanente.

Relembro cada um dos momentos em que li meus poemas para ele, todas as vezes em que fiz isso enquanto fazíamos amor, o quanto eles se tornavam mais e mais importantes, partes de nós, como uma trilha sonora lida ao invés de cantada.

*E de te amar assim muito e amiúde,
É que um dia em teu corpo de repente
Hei de morrer de amar mais do que pude*

Seu aperto se torna mais firme em minha mão enquanto ele declama Vinicius de Moraes, e me sinto segura. Sei que os dias ruins virão, se demorará eu não sei e não me importa. Se viverei mais um ou dez anos, não faz diferença porque hoje eu tenho a plena convicção de que o que faz a vida valer a pena não são os anos em que uma pessoa vive, mas a maneira com que ela os faz únicos.

E ao lado de Christopher cada segundo é um presente único em minha vida. E eu já não sinto mais pena de mim, mas daquele que vive uma vida inteira sem ter em seus braços um amor tão grande como o que a gente tem.

Epílogo

CHRISTOPHER



Dias atuais...

A chuva aumenta e me sento debaixo da nossa árvore. Acaricio nossas iniciais e fecho os olhos sentindo a saudade apertar. Quem disse que o tempo torna tudo mais fácil não conhece o amor que vivemos. O tempo é apenas um carrasco, enfraquecendo minha memória e torturando meu coração.

Abro o caderno amassado na última página escrita, nosso sangue outrora vermelho hoje não passa de uma mancha disforme amarronzada, acaricio o papel desejando poder voltar no tempo, poder beijá-la, abraçá-la e dizer que a amo apenas mais uma vez.

Sei que disse todas as vezes que pude, de todas as formas que sei; disse com meu corpo e com meu coração; disse com minhas palavras, em todas as línguas que conheço; disse e provei durante todos os doze anos em que a tive comigo.

Fiz tudo o que ela me pediu, dei a ela a vida que ela quis, quando ela me pediu um filho eu a levei a todos os médicos que pude até que encontrei um disposto a fazer o que ela queria.

Eu cumpri minha promessa, todas elas, até mesmo aquela que jurei que não cumpriria, e quando ela sentiu que era a hora de nos despedirmos eu parti, deixando com ela meu coração. Nunca mais amei ninguém e não sinto falta disso, amei apenas uma mulher e esse amor foi o suficiente. Deixei para ela uma rosa todos os dias até o dia em que ela me deixou, e continuo deixando em seu túmulo uma rosa todos os dias nos últimos treze anos. Espero que ela possa sentir meu amor, seja lá onde ela estiver, porque ele ainda está vivo dentro de mim, tão vivo quanto a primeira vez em que fizemos amor debaixo de dessa árvore, enquanto ela recitava

Vinicius de Moraes em meu ouvido e entregava seu corpo a mim. Tão vivo quanto no dia em que a recebi como minha esposa, ou quando ela me disse que carregava um filho meu em seu ventre.

E nesse momento, enquanto relembro os momentos bonitos que vivemos juntos, meu celular toca, tiro do bolso e leio a mensagem: é Gabriel⁸ dizendo que está chegando. Momentos depois avisto ele e Clara, ambos debaixo de um guarda-chuva, caminhando até onde estou.

Acaricio a terra abaixo de mim como se estivesse segurando sua mão.

— Meu amor, nós fizemos filhos lindos — digo enquanto observo eles se aproximarem e relembro o nascimento de cada um deles, o sorriso de alegria nos lábios dela, o medo de perdê-la, a emoção ao segurá-los em meus braços.

— *A partir de hoje posso morrer em paz, você sempre terá um pedacinho de mim.*

Foram suas palavras quando Gabriel nasceu, e ela estava certa. Embora ele tenha a minha aparência, é o espírito apaixonado e intenso de sua mãe que ele herdou, mas, acima de tudo, foi a sua forma bonita de amar que faz dele o meu recomeço todos os dias.

Depois de anos de luto, eu precisei quase perder minha família para perceber que Laura ainda vive no olhar apaixonado de Gabriel, na intensidade com que ele se entrega, no sorriso e na doçura de Clara, em cada rosa que nasce em nosso jardim, dentro de mim.

Clara me avista e corre ao meu encontro. Minha menina, minha joia rara. Levanto-me e a seguro em meus braços quando ela se aproxima, ela segura uma rosa vermelha e sorri ao me beijar.

— Sentiu minha falta, papai? — ela pergunta quando a solto e me entrega a rosa.

— O dia todo — respondo a ela.

Gabriel se aproxima, noto que seus olhos estão vermelhos quando ele me abraça. É a primeira vez em que estamos aqui juntos: minha família novamente reunida no nosso lugar secreto.

— Como você está? — ele pergunta desviando o olhar para que eu não o veja chorar.

— Eu estou bem — respondo sentindo meu coração completo depois de anos vivendo na escuridão.

Sentamo-nos ao pé da árvore que presenciou os momentos mais bonitos da minha vida. De um lado, Clara, o último desejo de minha mulher, o sonho dela realizado em forma de uma doce e linda garota; do outro, Gabriel, meu orgulho e minha fortaleza, o garoto que me fez voltar à vida e que cada vez que olha para mim com seus olhos expressivos me faz agradecer os anos que tive ao lado de Laura, que em meu coração é a dona de todos os meus melhores sentimentos, a única mulher que fez meu coração bater forte um dia.

Abro o caderno e leio um poema para eles antes de contar uma história bonita sobre sua mãe, ambos me ouvem atentamente e fazem perguntas, Gabriel me faz lembrar momentos em que ele achou que eu não estava presente, eu provo a ele que nunca me afastei de verdade.

Uma vez, Laura me disse uma verdade que, embora seja difícil de aceitar, faz com que eu me sinta mais confortável.

Há pessoas que vivem uma vida longa, mas que nunca experimentaram um amor como o nosso. Ela teve uma vida breve, embora tenha superado em muito todas as expectativas, mesmo as mais otimistas, uns dizem que foi milagre, outros dizem que foi a medicina, eu prefiro acreditar que foi o nosso amor. Sei que Laura viveu uma vida plena, cheia de amor, de carinho, poesia e rosas, e isso faz com que eu sinta que cumpri minha missão.

— Vamos, pai — Gabriel me chama quando a noite começa a cair e me despeço do nosso lugar especial. No próximo ano volto, mais uma vez com nossos filhos. Um dia trarei nossos netos e assim farei até que seja a hora de me juntar a ela e finalmente ouvir meu coração bater novamente.

Agradecimentos



Escrever uma história sempre é um grande desafio, dessa vez não foi diferente, Christopher e Laura, assim como todos os outros personagens da série *Segredos*, sempre existiram em meu coração, mas nunca imaginei que um dia teriam uma história apenas para eles. E que grande e emocionante surpresa foi contar essa história!

Hoje entrego a vocês um dos meus mais belos tesouros, uma história de amor que levou de mim muito mais do que palavras, me levou lágrimas e sentimentos e em troca me deixou uma grande lição sobre a vida.

Espero passar para vocês ao menos um pouco do que eles me ensinaram e que ao final vocês se sintam agraciados por cada um dos seus dias de vida.

Obrigada a todos vocês, meus queridos leitores, que fazem a magia acontecer todos os dias com suas lindas palavras. Obrigada por receberem a série *Segredos* de braços abertos e ansiarem por mais histórias. Como sempre digo, vocês são meu combustível.

Agradeço a Thais Alves, por sempre captar a parte mais linda de minhas histórias. Laura não poderia ser mais bela e delicada.

A Carla Santos por lapidar minhas palavras e extrair o melhor de mim, eu adoro quando você diz: “Você pode fazer melhor”. Obrigada e obrigada.

Aos meus queridos parceiros, que acreditam em mim e na literatura nacional. Vocês são a ponte que nos une aos leitores.

À minha linda equipe de leitoras betas, que a cada nova história se tornam meus olhos e corações; que se emocionam, me xingam e me ajudam a trazer o melhor para vocês.

Ao meu amado marido, que me divide com esses personagens e que tem o amor mais lindo do mundo. Eu sou muito feliz por ter você ao meu lado.

Às minhas filhas por serem compreensivas e ficarem em silêncio quando eu preciso e por se encherem de orgulho da mamãe. Vocês são o amor mais puro que aprendi a sentir.

A Deus por me dar a dádiva de poder estar aqui escrevendo essas palavras para vocês. Ele é o responsável por tudo.

Biografia



CINTHIA FREIRE

Paulista, apaixonada por romances, pipoca, chocolate e sorvete. Adora as mil formas com que uma história de amor pode ser contada e a magia por trás disso. Vive em São Paulo com o marido, duas filhas e Jack, seu cachorro.

Autora de *Antes dos Vinte* e *Um Novo Amanhecer*. *Meu Erro* é o primeiro livro da *Série Segredos*.

Redes sociais da autora:

Facebook:

www.facebook.com/cinthiafreireautora

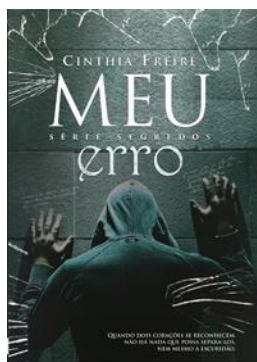
Fanpage da Série Segredos:

www.facebook.com/seriesegredos/

Instagram:

[@cinthia_freire_escritora](https://www.instagram.com/cinthia_freire_escritora)

Obra



MEU ERRO

Série Segredos – Livro 1

Adquira o seu na Amazon:

[>> Compre com 1-Clique! <<](#)

Segredos são como fantasmas, nos assombrando e nos fazendo crer que são reais. Todos temos segredos. Carol aprendeu a conviver com os seus, que estão adormecidos. Gabriel desistiu de lidar com eles e decidiu pelo caminho mais fácil, vivendo uma vida sem regras e limites.

Eles estão na mesma estrada, mesmo estando em sentidos opostos. Enquanto ela tenta fugir da escuridão, ele só quer se perder ainda mais.

Uma história emocionante sobre até onde somos capazes de ir para salvar aqueles que amamos e sobre acreditar que todos têm uma segunda chance, mesmo que para o resto do mundo isso pareça um erro.

¹ Fonte: <http://obaudahistoria.blogspot.com.br/2011/01/lenda-das-rosas-vermelhas.html>, no dia 19/12/2016.

² Então, você não é um fantasma?

³ Você é real.

⁴ Você é linda.

⁵ Sinto muito, cara.

⁶ Subgênero do rock alternativo que surgiu no final da década de 80 principalmente na cidade de Seattle. Uma das principais características mais marcantes no gênero era o estilo desleixado e uso excessivo de camisas xadrez.

⁷ Tudo bem, já estou saindo.

⁸ A história de Gabriel está presente em *Meu Erro*, o primeiro livro da série *Segredos*, da mesma autora.